

A romantic couple embracing. The man is shirtless, has a beard, and is looking down at the woman. The woman has long, curly brown hair and is looking down with a soft smile. They are both wearing white clothing. The background is a soft, watercolor-like wash of pink and yellow.

*um
romance
para
fernanda*

Barbara Sà





*um
romance
para
fernanda*



Barbara Sà



Barbara Sá é autora agenciada pela Increasy Consultoria Literária. Para mais informações sobre seus trabalhos entrar em contato no contato@increasy.com.br



© Copyright 2020 Barbara Sá
Revisão: Grazi Reis
Orientação e edição: Alba Marchesini Milena
Diagramação: Tici Pontes
Imagens da diagramação: Freepik, Depositphotos
Capa: Lola Salgado

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as Normas da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados a autora. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para quem acredita no
poder de um bom romance.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Outras obras](#)



— Fer, preciso passar o livro para eles na primeira semana de março, só assim conseguiremos publicar em junho! — Grunhi no telefone enquanto ouvia o sermão da minha agente. Era o terceiro essa semana.

Nós duas sabíamos que eu não terminaria o livro a tempo. O contrato seria quebrado, eu precisaria devolver o adiantamento para a editora e nunca mais fecharia um contrato novamente.

Seria a minha ruína!

— Eu sei, Jô. Só não quero entregar qualquer coisa — respondi, frustrada, passando as mãos pelos cachos revoltos que habitavam a minha cabeça, bagunçando-os ainda mais. — Não dormi nada essa noite e ainda assim não consegui escrever uma singela frase.

— Precisamos entregar alguma coisa — ela respondeu, quase que indiferente à minha crise, mas lá no fundo eu sabia que era só uma forma de me acalmar —, durante a revisão a gente ajeita, sei lá. Só termina esse livro, pelo amor de Deus.

Concordei e desliguei o telefone, encarando o notebook que jazia aberto na minha escrivaninha, o documento iniciado e nenhuma palavra escrita. O calendário piscava ao lado, indicando a segunda quinzena de fevereiro, o que me dava pouco mais de quinze dias para entregar o manuscrito ao meu editor.

Suspirei, frustrada, abrindo os outros documentos relacionados à história e os relendo. Parte do livro já estava produzida, mas cheguei em um

ponto da trama em que não conseguia mais desenrolar. Na minha mente, tudo estava acontecendo, mas colocar no papel estava se mostrando uma tarefa mais complicada do que imaginei.

Desde novembro, o manuscrito estava parado e eu via a chance de publicar por uma grande editora ir pelo ralo.

Observei, ao redor, o pequeno *loft* em que morava. Copacabana não era o sonho dos escritores da atualidade, normalmente a preferência era por bairros menos turísticos. No entanto, desde a infância sempre sonhei em morar aqui e, quando o trabalho deu certo, não pensei duas vezes antes de conseguir um espaço de trinta metros quadrados para chamar de meu.

O ambiente em um completo conceito aberto, iluminado pelas janelas escancaradas, que deixavam, também, o sol da manhã fazer morada. As paredes em um tom de bege-claro refletiam a luz. Diferente dos famosos escritores que adoram trabalhar à noite, eu preferia a luz da manhã. Minha coleção de jiboias decorava algumas das paredes, a planta descia do coqueiro, algumas quase chegando ao chão, transformando o pequeno *loft* em uma floresta tropical.

Os poucos móveis, em um tom de madeira clara, e a cama, apoiada em *pallets* de madeira, completavam o visual mais simples que eu queria dar para o pequeno ambiente. *Tudo inspirado no Pinterest!* Me joguei na poltrona confortável que ficava em frente ao computador, batucando na mesinha em busca de inspiração para concluir a história de Felipa e Bernardo, mas nada vinha.

Faltava uma semana para o carnaval e as ruas do Rio de Janeiro já estavam em ritmo de festa. Batusques eram ouvidos ao longe, e não demoraria muito para que mais um bloquinho passasse pela porta da minha casa, o que tiraria minha concentração de vez.

Levantei para buscar mais café, o relógio marcava onze da manhã e eu já estava na minha terceira xícara. A cabeça fervilhava de ideias e, enquanto tentava concluir o manuscrito para a editora, outros trabalhos estavam em andamento, alguns até já haviam sido concluídos. A história que

vendi para ser publicada em formato físico, no entanto, permanecia com uma grande lacuna.

Pesquei o celular em cima da cama e abri o Instagram, leitores me marcavam em resenhas da minha história mais recente, publicada digitalmente. Apesar da frustração em não conseguir concluir *Na sintonia do amor*, não podia negar o quanto a minha carreira estava bem. Os livros publicados como e-books na *Oregon* estavam sendo muito bem-recebidos pelo público, e as vendas estavam excelentes. No entanto, publicar por uma grande editora, além de abrir portas para novos leitores — afinal eu estaria nas livrarias de todo o país —, auxilia muito para que o autor seja visto como um autor de fato.

Pura balela de uma sociedade que tende a refutar o que cria.

Curti algumas fotos em que fui marcada e comentei em algumas das resenhas. As mensagens diretas estavam lotadas e poderiam ser uma ótima distração para o momento, mas eu tendia a me perder em conversas com os leitores, então isso teria que ficar para outro momento.

Voltei para a página principal do aplicativo e um anúncio pipocou na página de imediato. Pensei em rolar a tela, mas algo chamou minha atenção, talvez fossem as dez parcelas de *cento e noventa e nove e noventa* piscando em vermelho. O anúncio era um pacote de viagem para a Chapada Diamantina, na Bahia. Dez dias no coração da Chapada, com passagem e acomodação por menos de dois mil reais.

Não cliquei no anúncio, mas instintivamente salvei nos favoritos e segui rodando a página. Quando bloqueei a tela do celular e voltei a encarar o computador, Chapada Diamantina piscava em vermelho na tela. Obviamente coisa da minha cabeça, mas a vontade de me isolar em um lugar para enfim concluir a escrita do meu livro parecia tentadora demais para deixar de lado.



— Talvez eu esteja precisando de novos horizontes para concluir essa história — comentei com João, meu melhor amigo e vizinho, sobre a possibilidade de viajar.

— Você não vai poder curtir o carnaval mesmo, que pelo menos não seja interrompida por ele — ele comentou, enfiando a colher no pote de doce de leite que eu segurava. — Ainda tem a chance de encontrar um gato por lá e se enroscar com ele no meio do mato — concluiu de boca cheia.

— Para de tentar me arrumar macho, João! — Bati no braço dele, que riu em resposta. — Mas eu acho que é disso que tô precisando mesmo. E se eu ficar aqui, com certeza vou cair na farra com vocês, ficar bêbada igual a um gambá e não entregar o livro mesmo.

— Eu não duvido nada, sou um péssimo amigo bêbado e com certeza vou encher seu saco pra você ir com a gente.

— Então tá decidido. Vou me enfurnar naquela pousada com vista pro mato e escrever por dez dias. Joana vai ter orgulho dessa agenciada e eu vou entregar o livro a tempo.

— Já sabe até que a pousada é de frente pro mato, hein?

— E o que não é de frente pro mato lá, João? Soube até que em uma parte da cidade sempre falta luz por conta dos turistas em altas temporadas.

— Mas se você já pesquisou tudo, me chamou pra opinar em quê?

— Só precisava ter certeza de que não tô louca — respondi, dando de ombros e abrindo o computador no colo. Já havia feito toda uma pesquisa sobre a agência que estava vendendo o pacote, bem como sobre a pousada em questão. Tudo parecia tranquilo, para o que poderia ser um lugar no meio do mato.

Saquei o cartão de crédito e parcelei a viagem em cinco suaves

prestações, afinal se tudo desse errado e eu precisasse devolver o adiantamento para a editora, ao menos teria uma reserva financeira e conseguiria pagar pela viagem.

Eu embarcaria para Salvador dia dezenove de fevereiro e voltaria para o Rio no dia primeiro de março. Onze dias no mais perfeito fim do mundo. Tempo mais do que suficiente para escrever as vinte mil palavras necessárias para concluir o romance e revisar toda a história junto com Joana, outra que não teria feriado de carnaval por minha culpa.

— Beleza, tenho uma semana até essa viagem, acho que dá pra curtir uns dois bloquinhos — comentei com João, que não se fez de rogado e logo organizou com os amigos de sempre as festinhas da semana.



Capítulo 1

Fechei a mala e coloquei em cima da cama. Iria levar apenas uma bagagem de mão e uma mochila para viagem, orando para que fosse suficiente para os onze dias. Os itens de necessidade básica, e por eles eu quero dizer meu notebook, tablet e bateria externa, estavam na mochila, enquanto as roupas, sapatos e produtos de higiene seguiam na mala.

— Então você vai até Salvador e de lá... — João, que estava na minha casa para se despedir começou a questionar, mas eu o interrompi.

— Na verdade vou até Vitória da Conquista, pousando lá vou poupar cinquenta quilômetros de estrada. Lá uma van vai me buscar e me deixar na pousada, a estimativa é de três horas na estrada.

— Puta merda, esse lugar fica na Cochinchina, hein?

— É longe. Mas, quanto mais longe, menor a chance de eu desistir — refleti.

— Pagando o que você tá pagando, eu te mato se você desistir.

Dei de ombros e João riu, mas a verdade é que, pensando bem, a ideia não era muito sábia. Viajar sozinha para um lugar a que eu nunca fui e passar dez dias lá, não me cheira muito bem... Especialmente um lugar onde o sinal de celular não é dos melhores.

Balancei a cabeça para tirar as ideias da mente e mentalizei que tudo daria certo. Eu voltaria viva e com o livro concluído!



A viagem até Vitória da Conquista foi rápida, a van já esperava e lá percebi que eu não era a única passageira, três casais entraram comigo e, pela aparência, estavam dispostos a enfrentar todas as trilhas possíveis na cidade. *Eu sequer tinha levado tênis.*

Enquanto eles conversavam animados, apoiei a cabeça no vidro do veículo, pronta para ouvir a conversa e atribuir as falas a personagens no futuro, afinal essa é a vida de todo escritor. Na minha cabeça eu criava histórias passadas e futuras para cada um deles e já descii da van cheia de ideias para novos livros que eu nem sei se teria tempo para escrever algum dia.

A pousada em que eu me hospedaria ficava em Lençóis, uma das maiores cidades da região da Chapada Diamantina. Após a saída de Vitória da Conquista, o sinal de celular sumiu por algum tempo, retornando apenas quando entramos na estrada que dava acesso à cidade. Meu celular bombardeou de notificações, mas eu nem dei importância, anestesiada com a vista que a pequena estrada apresentava.

Árvores frondosas envoltas em uma vegetação nativa cresciam sem precedentes e pendiam acima das nossas cabeças; seus galhos, encostando uns nos outros, tornava impossível descobrir onde terminava uma e começava outra. O túnel natural filtrava a luz do sol, marcando a sombra das folhas no chão e deixando uma iluminação acolhedora no lugar. Para melhorar a sensação, o movimento de carros era ínfimo e eu tinha a sensação de ter voltado no tempo.

Os casais foram deixados em uma pousada na entrada da cidade e eu segui na van até a que havia reservado.

— Preciso confessar que prefiro a pousada Maria Tereza — o

motorista da van me falou, após dar partida no veículo. — A vista é muito mais bonita e tem menos hóspedes, você fica mais à vontade.

— Isso é bom — respondi sorrindo. — Quero dez dias de tranquilidade.

— Lá é o lugar perfeito, então. Seu Rômulo é muito gente boa, você vai gostar dele.

— Rômulo é o gerente? — questionei.

— Ele é o dono de lá — o motorista, do qual já não lembrava o nome, respondeu enquanto subia uma pequena ladeira de paralelepípedo.

— Achei que Maria Tereza fosse a dona — respondi no mesmo momento em que ele parou o veículo e puxou o freio de mão.

— Ela era a mãe dele, faleceu tem uns três anos. O Rômulo cuida da pousada sozinho tem um ano, mais ou menos.

Quis interrogar um pouco mais, mas ele saiu da van assim que concluiu a fala.

Descemos do veículo e o motorista, que depois me lembrei se chamar Gilson, pegou a minha pequena mala de mão na traseira do carro e me indicou a pousada, desejando uma boa estadia. Antes de me dirigir à porta, olhei em volta e percebi como todas as casas traziam características do Brasil Colônia. A Chapada foi, e ainda é, uma região de muito cultivo, especialmente do café, então séculos atrás essas casas abrigaram os trabalhadores das fazendas, algumas chegando a abrigar familiares dos senhores de café.

A pousada Maria Tereza funcionava em um casarão de fachada azul, com portas e janelas brancas. O prédio tinha dois andares e, pelo que eu podia ver da lateral, parecia ser bem comprido.

Subi os dois degraus que separavam a rua da entrada principal e,

conforme uma plaquinha colada na porta, bati duas vezes e aguardei.

Segundos depois, ouvi passadas seguidas de um ou dois miados e já ri internamente. Um ambiente com gatos deveria ganhar mais pontos na avaliação.

A porta foi aberta de supetão e por uns dois segundos eu fiquei parada feito uma paspalha, olhando para o homem à minha frente. A pele bronzeada marcava os olhos castanhos que me olhavam questionadores. Meu um metro e setenta perdia feio para a altura dele, que devia beirar os dois metros. Os braços fortes demonstravam algum tempo de academia, mas eu chutava parecer mais terem sido conquistados com algum trabalho campestre. Usava uma camiseta manga curta xadrez, que grudava no corpo, deixando pouco para a imaginação.

Raspei a garganta tentando encontrar minha voz, ao mesmo tempo em que lembrava de João marcando a possibilidade de encontrar um gato por aqui, o que me deu vontade de rir.

No mesmo segundo, senti um animal peludo se mover entre minhas pernas e, quando olhei para baixo, encontrei um gato preto me encarando com lindos olhos verdes.

Acho que não encontrei apenas um gato.

— Boa tarde, você deve ser Fernanda — o gato número um disse, me olhando nos olhos e sorrindo enquanto estendia a mão para me cumprimentar. — Estava te esperando.

Sua espera acabou. Cheguei e sou sua!

— Hm... Boa tarde, eu mesma, Fernanda. Prazer! — respondi, apertando sua mão. O aperto firme e quente, englobou toda a minha mão e eu delicadamente o senti me puxando para mais perto. Ou talvez isso tenha sido coisa da minha cabeça louca querendo que meu corpo se aproximasse.

— Como foi de viagem? — Ele pegou a pequena mala aos meus pés

enquanto já entrava na pousada.

O ambiente era meio rústico. Madeira escura tomava conta de quase todas as partes, desde o chão até os móveis. As paredes eram pintadas no mesmo tom de azul da fachada, mas o que mais chamava atenção eram as flores e plantas que enfeitavam todo canto do espaço, automaticamente me dando a sensação de casa.

— Foi ótima, obrigada. Um caminho longo, mas saber que estamos viajando de férias faz qualquer viagem ser gostosa — respondi ao me aproximar do balcão atrás do qual ele se colocou, deixando minha mala ao seu lado.

Busquei pelo gato preto, procurando alguma forma de me entreter, mas o bichano já havia sumido.

— Sou Rômulo, dono da pousada — ele comentou assim que abriu a tampa de um notebook que parecia novo demais para toda a rusticidade do local. — Como passo grande parte do meu tempo aqui, você pode me chamar em qualquer situação. Às vezes saio pela manhã para resolver algumas questões da fazenda que administro também, mas sempre estou de volta cedo, provavelmente você nem vai ter acordado. — Concluiu o comentário com um riso de canto e eu quis, ao mesmo tempo, ficar irritada por ele ter pré-julgado o horário em que eu acordo e beijar o cantinho da sua boca. Eu tô ficando louca!

Anuí com a cabeça, evitando falar o máximo possível. As chances de passar um vexame logo na chegada eram grandes.

Entreguei meus documentos e, rapidamente, Rômulo fez o cadastro. Após isso, pegou uma chave dentro de uma gaveta e me pediu para que o seguisse.

— Um casal desistiu da hospedagem de última hora e, como não temos nenhuma pretensão de novos hóspedes para este feriado, vou te dar um *upgrade* — comentou enquanto seguia à minha frente, ainda carregando minha pequena mala de mão.

— Queria ser gentil e dizer que não precisava, mas um upgrade é sempre uma boa opção.

Rômulo riu, balançando a cabeça e fazendo os fios cor de mel dos seus cabelos balançarem junto.

Uma escada estreita nos levou para o segundo andar da pousada e passamos por algumas portas, até chegar ao final do corredor, onde era a minha suíte.

— Temos poucas suítes, então você vai encontrar mais sete hóspedes. O café da manhã é servido das seis às dez, no salão de baixo, próximo à recepção. Não temos serviço de quarto, mas posso te indicar ótimos restaurantes pela região — Rômulo comentava enquanto abria a porta da suíte. Quando ele a escancarou e me deu espaço para entrar, ofeguei com a visão diante de mim.

O quarto era amplo e muito claro. Grandes janelas na lateral direita e ao lado da cama, que deixavam que a luz do dia iluminasse completamente o ambiente. Cortinas de um *voal* branquíssimo balançavam a brisa de fim de tarde, dando um aspecto ainda mais aconchegante ao quarto.

Uma cama grande ocupava o centro dele, ladeada por duas mesinhas de cabeceira em madeira. Um quadro grande estava apoiado acima da cabeceira e retratava uma paisagem, que muito provavelmente era a que eu veria daquele quarto. Aos pés, tapetes coloridos faziam um conjunto bonito com as almofadas que decoravam a cama forrada com lençóis brancos. Uma pequena escrivaninha ficava de frente para a janela principal do quarto e, muito provavelmente, havia sido feita para ser uma penteadeira, mas cabia perfeitamente no meu *modus operandi* escritora.

A vista não poderia ser mais incrível, pelo lado direito era possível ver um pouco da cidade e o teto das casas mais baixas que a pousada. As janelas da frente davam vista para a mata, morros e vales repletos de vegetação, o céu azul com algumas poucas nuvens completava a paisagem e minha sensação era de que o ar estava mais limpo por ali.

— Uau! — exclamei após dar uma olhada em todo o ambiente. — Acho que vou passar ótimos dias por aqui.

Rômulo sorriu concordando, enquanto apoiava minha mala em um banquinho na lateral do quarto.

— Aqui estão suas chaves, abrem a porta do quarto e também a porta principal da pousada, assim você não precisa me chamar o tempo inteiro. Só peço que você tenha cuidado ao abrir a porta principal para o Gato não sair. — Ele me entregou as chaves e eu sorri em resposta.

Como se tivesse esperando sua deixa, o bichano apareceu por entre as pernas de Rômulo, miando. Me aproximei e, devagar, alisei os pelos da sua cabeça, fazendo seu ronrono se tornar mais alto e seu corpo deslizar pelo chão.

— Qual é o nome dele? — questionei, sem deixar de fazer carinho nos pelos negros.

— Gato — Rômulo respondeu suavemente, e eu, pega de surpresa, acabei parando os movimentos para encarar o gerente da pousada, momento exato em que Gato saiu do quarto. Interesseiro.

Após ouvir mais algumas instruções do dono da pousada, fui deixada a sós para me acomodar. Abri a mochila, já retirando o notebook e o caderno onde as informações principais do livro estavam anotadas — talvez eu fosse um pouco antiquada —, e coloquei tudo em cima da escrivaninha.

Puxei o celular do bolso e conectei ao Wifi, enviando mensagens para os amigos e familiares informando que cheguei bem e que estava salva. Aproveitei para fazer uma foto da vista do quarto e postar nos *stories*.

Em seguida, abri a mala e retirei as poucas peças de roupas que levei. Com o objetivo de ficar enfiada no quarto o máximo possível, grande parte das peças eram shorts curtos e macaquinhos. Um biquíni veio de intruso, caso surgisse a vontade de visitar uma cachoeira.

Vinte minutos depois já estava com as roupas organizadas no pequeno armário que ficava na lateral esquerda da cama. Os produtos de higiene já estavam no banheiro e tudo o que eu precisava era de um banho frio. A brisa entrando pela janela estava gostosa, mas não diminuía em nada o calor do ambiente, então liguei o ar-condicionado e fechei as janelas que, para minha surpresa, era uma mistura de vidro e madeira, deixando o ambiente iluminado e a vista externa ainda presente.

Tomei um banho rápido, vesti uma roupa confortável e descii em busca de um lugar para comer. O sol já tinha se posto e as luzes da cidade estavam acesas, mostrando que talvez a noite fosse um pouco mais badalada que o dia.

Encontrei Rômulo no balcão da recepção e aproveitei a oportunidade para pedir uma dica de lugar para comer.

— É bem simples. — Rômulo seguiu em direção a porta da pousada e eu o acompanhei. — Desce aqui reto, vire à direita e ande até a ponte, atravesse ela e siga reto, no fim da rua, à direita, você vai ver uma grande praça, lá tem vários barzinhos e restaurantes — ele comentou, após fazer sinal do caminho com as mãos.

— Obrigada! Acho que consigo ir sem me perder. — Sorri.

— Lençóis é pequena demais pra se perder — ele respondeu. Assenti, descendo os pequenos degraus em frente à porta. — Ah, tenho umas informações sobre passeios, caso você queira. Não sei se já tem um roteiro pronto, mas posso te indicar algumas coisas.

Eu o encarei, meio curiosa, e ele pareceu perceber minha reação.

— Passeios turísticos?! — questionou, incerto. — Trilhas e cachoeiras...

— Ah, sim! Na verdade, o único passeio que quero fazer é dentro do quarto, mas obrigada.

Ele sorriu, confuso, mas balançou a cabeça concordando, e eu logo desci a rua em direção à praça indicada.

Como eu esperava, o ambiente era festivo. Barzinhos com mesas do lado de fora estavam abarrotados de turistas. Encontrei uma mesa vazia e logo me sentei, pedindo uma cerveja gelada e escolhendo um dos pratos do cardápio. Não querendo me esbaldar muito, pedi carne de sol com fritas e fiquei observando o ambiente enquanto o pedido não chegava.

A cerveja chegou primeiro e enquanto bebericava o líquido estupidamente gelado, minha cabeça viajava de encontro a um certo dono de pousada que, não sei por que, havia mexido tanto comigo.



Capítulo 2

Acordei com o quarto completamente iluminado e só aí percebi que havia esquecido de fechar as cortinas à noite. Sem mais nenhum interesse em voltar a dormir, levantei da cama bocejando e me espreguiçando, e me aproximei da janela. A cidade estava ganhando os contornos do nascer do sol e ficando ainda mais bonita.

Peguei o celular em cima da escrivaninha e nele marcava cinco da manhã. A vontade de voltar para a cama existiu, mas no mesmo segundo senti os dedos formigarem, uma história precisava ser concluída.

Depois de uma chuva rápida, peguei uma garrafa d'água no frigobar e me sentei à mesa de frente para a janela. Abri a tela do computador e, após iniciá-lo, busquei pelo arquivo. Reli o que tinha escrito daquele capítulo até então e, como há quase três meses não acontecia, deixei minhas mãos flutuarem pelo teclado.

A história de Felipa e Bernardo estava ganhando um final e quanto mais eu lia e escrevia, menos acreditava que enfim estava conseguindo colocar no papel tudo o que estava rodando na minha cabeça há tanto tempo.

O tempo passou rapidamente. Pássaros voavam pela janela e seu canto era ouvido de longe. Aos poucos, os sons da cidade foram surgindo e eram completamente diferentes dos sons de Copacabana, pessoas eram mais ouvidas do que carros e o som do rádio era mais frequente que o da tevê.

Despertei do transe com uma chamada no celular e agradeci aos céus por ter terminado o capítulo. Detestava quando esquecia de colocar o aparelho no silencioso e acabava sendo interrompida no meio de uma frase

que nunca mais seria contada da mesma maneira.

— Oi, Jô — atendi minha agente, enquanto me levantava para esticar as pernas e observar a vista por outra janela.

— E aí, como estão as coisas? — questionou, direta ao ponto, após os cumprimentos iniciais.

— Hoje fluiu igual água de bica — respondi sorrindo, me virando para a tela do computador que agora estava cheia de palavras escritas. — Acordei cinco e meia da manhã e estou escrevendo desde então.

— Essa viagem foi uma ótima alternativa. Às vezes tudo o que o criador precisa é mudar de ares — comentou, e eu concordei.

A chamada foi rápida. Informei que provavelmente enviaria o arquivo com mais alguns capítulos no dia seguinte, assim teria tempo para reler e alterar qualquer necessidade. Ela concordou, já animada com o meu novo fluxo de trabalho.

Quando olhei as horas no celular, já passava das nove e meia da manhã e eu quase não pude acreditar que tinha escrito por quatro horas ininterruptas. Ao mesmo tempo em que comemorava o feito, lembrei de que estava esgotando o horário para o café da manhã e tratei de sair correndo para a sala onde ele estava sendo servido.



Apenas uma mesa estava posta para o café e eu imaginei que eu fosse a única remanescente. Peguei o prato e me servi no bufê que, apesar de pequeno, era bem variado, especialmente com pratos de cultura regional. Sem saber muito bem o que era a maioria das coisas, acabei pegando um pouco de tudo e um pão francês, só para me manter no confortável.

Sentei à mesa e comecei a comer, quando a porta da frente foi aberta e

por ela Rômulo passou.

— Opa, bom dia — ele me cumprimentou.

— Bom dia! — respondi sorrindo e demonstrando mais entusiasmo do que o comum, eu diria.

Poderia mentir aqui e dizer que estava entusiasmada pela quantidade de palavras escritas, mas a verdade é que a visão dele sem camisa era a dona de todo o sentimento.

— Desculpe os trajes. Estava na fazenda e suei igual um porco, larguei a camisa por lá mesmo — ele começou a se justificar.

— Não tem problema! — *Não tem mesmo, tem é solução*; completei em pensamento. — Então a fazenda fica aqui perto? — questionei, tentando mantê-lo na sala o máximo de tempo possível. Afinal a gente não consegue contar gominhos tão rapidamente.

— Hum, fica sim. Preciso ir de carro, mas é coisa de vinte minutos.

— Ah, entendi — comentei, mexendo na comida em meu prato. — Acho que nunca pisei em uma fazenda.

— Oxe, como assim?

— Garota da cidade. Nasci e cresci no Rio de Janeiro.

— O que não falta aqui é fazenda, a maioria das trilhas fica dentro de uma. — Me senti mal por ele não ter entendido a maravilhosa direta que lhe mandei, mas sorri, faceira. — Se você quiser eu posso te apresentar a minha — não tardou em completar, o que ampliou meu sorriso.

— Vai ser um prazer conhecer.

— Não vai te atrapalhar?

Só vai atrapalhar minha sanidade pra não pular em cima de você.

— Claro que não!

Rômulo sorriu de canto e logo saiu, dizendo que precisava de um banho. Até poderia me oferecer para ajudar, mas achei que já tinha oferecido o suficiente.

Tomei meu café da manhã tranquilamente, abusando do café e já me perguntando onde eu conseguiria uma garrafa térmica para levar para o quarto. Pesquei o celular do bolso e fiquei um tempinho respondendo comentários nas redes sociais e curtindo as fotos nas quais tinha sido marcada.

Minha fama como escritora era relativamente grande, os livros publicados na *Oregon* tinham feito muito sucesso e eu tinha até fãs-clubes. Desde que comecei a escrever como trabalho, há pouco mais de cinco anos, tenho mantido uma linha de produção alta. Publico três livros por ano e, entre eles, sempre tem algum conto disponível, o que faz com que meus leitores sempre tenham algo para ler.

Faço o possível para manter presença nas redes sociais, assim garanto um diálogo maior com os meus leitores, o que faz com que eles se empolguem ainda mais para divulgar minhas histórias. Além disso, aposto nos criadores de conteúdo literário e tenho os meus favoritos, dos quais sempre compro espaço de divulgação, garantindo cada vez mais retorno.

Levantei da mesa alguns minutos depois, e na escada de volta para o quarto reencontrei Rômulo.

— Vai sair agora? — ele questionou quando me viu e eu parei, inebriada pelo seu cheiro.

— Na verdade, não. — Me segurei no corrimão da escada para manter o equilíbrio. — Preciso concluir algumas coisas de trabalho no quarto.

— Ah, entendi... Se precisar de dicas já sabe. Vou ficar na recepção

até o fim do dia.

— Beleza, obrigada.

Voltei para o quarto e logo sentei em frente ao computador, a cabeça cheia de ideias, mas em vez de seguir com o livro em que estava trabalhando, acabei abrindo um novo arquivo e descrevendo um certo dono de pousada que estava mexendo com os meus sentidos.

Talvez a Chapada me desse outro tipo de inspiração.



A noite caiu rapidamente, e eu tomei uma ducha rápida antes de sair em busca de um lugar para comer.

O único ponto negativo da viagem, até então, era a imensa quantidade de pernilongos que estavam moendo as minhas pernas enquanto eu trabalhava. Anotei mentalmente a necessidade de comprar um repelente.

Prendi meus cachos castanhos em um coque alto e coloquei um vestidinho solto. Calcei *havaianas* e peguei meu celular, enfiando na pequena bolsinha que havia trazido. Logo saí da pousada, seguindo o caminho ensinado por Rômulo, que já não estava mais na recepção.

Se é que era possível, a praça parecia estar ainda mais cheia que na noite anterior e, enquanto eu tentava encontrar um lugar para sentar, percebi um braço erguido fazendo sinal para mim. Desci os olhos pela mão, passando pelo braço musculoso e, mesmo sem precisar chegar ao rosto, eu sabia que se tratava de Rômulo.

Ele estava sentado em uma mesa, na ponta de um dos bares. À sua frente, uma cerva jazia ao lado de um copo quase vazio. Ele sorria abertamente, dando um destaque para os seus olhos castanhos e fazendo contraste com a barba cheia que preenchia seu rosto.

— Opa, quase que eu fico sem lugar — comentei, me aproximando da sua mesa, e ele logo fez sinal para que eu sentasse. — Não tá esperando ninguém? — questionei, curiosa.

— Nada — ele respondeu, e eu fiquei um pouco confusa, mas sorri me fazendo de entendida. — Deu uma vontade de tomar uma gelada e eu saí rapidinho da pousada para vir aqui. Aproveitar para comer um escondidinho que tô querendo faz dias.

— Acho que vou te acompanhar.

Ele chamou o garçom e rapidamente fez o pedido da comida e também de mais uma cerveja, já que ele havia acabado com a que estava na mesa.

— Os turistas estão começando a chegar, então a tendência é essa praça ficar cada vez mais cheia — ele comentou, quando o garçom deixou nossa mesa. — Sugiro que venha mais cedo ou mais tarde, se quiser encontrar lugar.

— Então aqui fica bem turístico no carnaval — comentei feito uma idiota, numa tentativa para que ele continuasse falando. — Achei que fosse só Salvador.

— *Que nada!* O pessoal que não gosta de festa corre para se esconder na Chapada; apesar de que aqui também tem festa, não se engane. Mas a cidade tende a ficar lotada, especialmente por ser uma época boa pra fazer trilha. É muito lugar pra conhecer, quanto mais tempo aqui, mais coisas consegue fazer. Como o carnaval normalmente dá uma semana de folga pros baianos, isso aqui é o paraíso.

— Não sei como a galera tem pique para curtir depois de andar o dia todo... — Dei risada, bebendo a cerveja que tinha acabado de ser servida.

— Quando você fizer trilhas o dia inteiro vai ver que quando chega em casa seu corpo só pede uma cervejinha gelada pra você dormir mais leve.

— Na verdade eu não vim pra fazer trilha — comentei, despreziosamente.

— Não? — As sobrancelhas erguidas demonstravam seu susto diante da situação. — Pouquíssimas cachoeiras são acessíveis sem trilha — complementou.

— Nem cachoeiras... — comentei, tentando dar um ar misterioso que era completamente desnecessário. — Eu sou escritora, preciso concluir um livro urgentemente e não estava conseguindo focar nele, aí vi o anúncio de um pacote de viagem pra cá e resolvi me arriscar.

— Então você veio aqui passar dez dias trancafiada no quarto? — Sua expressão denotava o quanto ele ainda estava sem acreditar na situação, o que foi engraçado e acabou me rendendo uma gargalhada fora de hora.

— Mais ou menos isso...

— Talvez conhecer um pouco ao redor possa te fazer se inspirar mais para a sua história.

— A verdade é que eu já tenho inspiração suficiente. — Ergui uma sobrancelha diante da minha indireta mais que direta. A verdade é que eu não sei nada sobre o Rômulo, se é solteiro, se está em algum compromisso... Suas mãos foram o meu primeiro objeto de investigação e estavam livres de aliança, mas não era incomum um homem que trabalhava na fazenda não usar anéis.

Sendo assim, estava jogando a isca para ver se pescava algum peixe ou se descobria se esse peixe já havia sido fisdado por outro anzol.

— Ah, mas você não pode voltar pro Rio sem ter conhecido sequer o Poço do Diabo — ele comentou, e eu engasguei com a cerveja.

— Como é que é?

— É uma trilha que desemboca numa cachoeira sensacional. Vou ter o imenso prazer em te levar.

— É sério, eu não tenho tempo... Nem sequer trouxe roupa pra isso.

— Acredita no que eu tô falando, Fernanda. Você vai sair do mergulho naquela água gelada com inspiração pra mil histórias.

Rômulo continuou falando sobre a cachoeira e, eu não sei se foi a louca vontade de conhecer o lugar ou de ficar mais tempo com ele que fez com que eu topasse a visita, só sei que, após o jantar, estávamos marcando quando nos encontraríamos para ir até o lugar.

— Tudo bem, nós vamos, mas depois de amanhã, e eu preciso comprar um tênis e uma *legging* — comentei, lembrando de que não tinha nenhuma roupa adequada para trilha.

Ele concordou e disse que poderíamos ir a uma loja especializada em equipamentos onde eu compraria tudo de que precisasse.

— Mas você precisa mesmo é comer uma das maiores delícias da Bahia.

Você?

Por um segundo acreditei ter verbalizado meu pensamento.

— Ainda tem espaço pra comer mais uma coisinha?

— Sempre tem espaço! — respondi, empolgada, e segurei a mão que ele me estendia, me puxando para um lugar desconhecido.

Andamos alguns metros por entre as pessoas que aguardavam uma mesa vagar para jantarem, ou talvez só estivessem se divertindo ao som do axé que tocava, até que nos aproximamos de uma mulher vestida de baiana, que servia o famoso bolinho de feijão, sentada em frente a um tabuleiro lotado de panelas.

— Agora você vai conhecer o legítimo acarajé da Bahia.

Empolgada, esperei Rômulo fazer os pedidos e, obviamente, pedi um pouco de pimenta, para provar a especialidade do jeitinho que deve ser.

O bolo frito estava quentinho e enrolado em papéis que pareciam os antigos papéis de pão. O formato parecia de um hambúrguer e deveria ser comido como tal.

— No pratinho perde a *baianidade*, tem que se sujar comendo acarajé — ele comentou, e eu sorri, concordando.

A primeira bocada foi uma explosão de sabores. O bolinho, que eu esperava ser pesado, era leve como uma nuvem. As texturas distintas do recheio faziam da experiência algo muito mais complexo do que eu imaginei. O único sabor reconhecível para mim era o do camarão, mesmo que acompanhado de temperos com os quais eu não estava acostumada. Mas após engolir o primeiro pedaço, automaticamente mordi novamente e foi assim até não sobrar nada mais que papel nas minhas mãos.

— Eu vou comer isso todos os dias a partir de hoje — comentei com Rômulo, que me ofereceu uma *Coca-Cola* bem gelada. O acompanhamento perfeito.



Capítulo 3

Acordei, empolgada para enviar o *bloco* para Jô, e então foquei na escrita desde cedo. Tomei um café rápido e usei da persuasão para convencer Dora, a cozinheira da pousada, a me conseguir uma garrafa térmica com café.

Passei a manhã dedicada à escrita e revisão e a tarde seguia no mesmo ritmo, até que miados acompanhados de unhas na porta me despertaram.

Quando abri a porta do quarto, Gato aguardava pacientemente sentado do lado de fora. O bichano não perdeu tempo e se esvaiu por entre as minhas pernas, entrando no aposento. Olhei ao redor em busca de Rômulo, buscando avisá-lo de que o gato estava aqui, mas como não o encontrei e também não queria perder o fio da meada na escrita, acabei voltando para o quarto.

Gato se espreguiçou enquanto eu me sentava e, após eu me acomodar, em um pulo ele também se acomodou em meu colo. Fiquei parada por alguns instantes, confusa por vê-lo à vontade comigo, e receosa por medo de machucá-lo, mas em pouco tempo me acostumei ao peso e ao calor no meu colo, voltando a escrever em seguida.

Suspirei, exausta, quando a noite estava caindo. Gato seguia no meu colo em uma soneca da tarde que já durava quase três horas, gatos poderiam dormir tanto tempo? Estudei a possibilidade de procurar um lugar para pedir uma pizza e comer jogada na cama, enquanto buscava algo na Netflix.

Desci a procura de Rômulo para matar minha dose diária de visão do paraíso e também para perguntar se existia delivery de pizzeria na cidade. *Vai que, né?*

— Opa, como você tá? — Eu o encontrei encostado no balcão, mexendo no celular. Ele bloqueou o aparelho e o colocou no bolso assim que me aproximei.

— Tô bem. Na verdade, um pouco nervoso; não vi Gato a tarde toda, ele some às vezes, mas sempre volta na hora da ração, e hoje não veio... — Suspirou, e eu me senti culpada por ter mantido o bichano preso no meu quarto.

— Preciso dizer que sou a culpada disso — assumi, sorrindo de lado. — Ele *bateu* na porta do meu quarto no meio da tarde, eu o deixei entrar e ele estava até agora dormindo no meu colo. Mas o liberei do cativeiro quando desci.

— Espertinho e conquistador esse bicho!

Dei risada da brincadeira e da cara de alívio de Rômulo ao perceber que o gato estava vivo e bem.

— Não te vi o dia todo, decidiu sair para curtir um pouco?

— Eu não, mas meus personagens sim — respondi sorrindo. — Passei o dia escrevendo e agora tudo o que eu quero é pizza e Netflix. Tem algum delivery por aqui?

— Delivery não tem, mas eu posso ir buscar uma pizza pra você. *Tô* de bobeira aqui!

— Não, imagina, eu vou lá. Só preciso saber onde é. *Tá* louco que eu vou te dar esse trabalho?!

— Trabalho nenhum, aproveito e pego algo pra comer.

— Certeza? — questionei, incerta por estar me aproveitando da sua boa vontade, ao mesmo tempo que feliz pelo ato generoso.

Preciso lembrar que não estou vivendo um romance.

— Mais que certo. Vai ter serviço de quarto hoje — brincou, e eu dei risada. — Qual sabor?

— Pode ser *pepperoni* e quatro queijos?

— Maravilha! Volto em vinte minutos.

Subi de volta para o quarto quando ele passou pela porta da pousada indo em busca da minha pizza. Aproveitei o momento para escolher o que iria assistir, o que normalmente custava mais do que o tempo de, de fato, assistir.

Uma comédia romântica cairia bem, então foi nela que apostei. Mas antes de me jogar na cama, resolvi tomar um banho rápido.



Vestida em um camisão comprido, shorts curtos e com os cabelos presos num coque alto, foi assim que abri a porta para Rômulo, que segurava a pizza em uma mão e uma garrafa de vinho na outra.

— Resolvi trazer um presente da pousada para essa hóspede especial — comentou, levantando a garrafa de vinho. — Assim você também comemora a escrita do livro.

— Opa, um vinho é sempre bom pra descansar a mente. Mas comemorar sozinha é chato — comentei, faceira, e Rômulo sorriu, entendendo completamente aonde eu queria chegar. — Além disso, essa pizza é um pouco grande demais...

Não foi surpresa ele aceitar o convite para assistir ao filme comigo. Um pouco sem jeito, acabou puxando a cadeira da escrivaninha para se alojar, enquanto eu me empoleirei na cama e puxei o cobertor por cima de

mim.

Dei *play* na comédia romântica que escolhi assistir e vi os olhos de Rômulo revirarem no processo, mas ele foi gentil o suficiente para não reclamar da escolha do filme, e alguns minutos depois já estava completamente entrosado na história do casal protagonista e tecendo comentários divertidos acerca da história.

— Sério, essa cadeira deve tá um porre, pula aqui pra cama, vai ser mais confortável — comentei, dando uma pausa no filme.

Rômulo até quis discutir, mas concordou que a posição não era das mais favoráveis para assistir tevê e acabou ocupando o espaço que eu gentilmente lhe cedi na cama.

Tudo ia bem, até o clima na tela começar a esquentar, assim como no quarto. De repente, o ar-condicionado parecia fraco demais e a coberta pesada demais em cima de mim. Apertei os dedos no tecido branco e grosso, tentando conter a onda de riso que o nervoso me trazia, mas quase rompendo em gargalhadas.

Disfarçadamente, encarei Rômulo ao meu lado, e sua tez demonstrava o quanto ele estava tentando lidar com a situação, tal como eu. A cena prosseguiu por alguns tortuosos minutos e, ao fim dela, nossos suspiros de alívio poderiam ser ouvidos em outro continente.

— Eles são rápidos, né? — Rômulo fez piada da situação, e eu sorri pra entrar no clima.

— E como são! — concordei. — Mas eu até prefiro casais assim, sabe? Ficar se guardando por medo de um coração partido às vezes faz a gente não aproveitar as maravilhas da vida.

— Então você gosta de aproveitar as maravilhas da vida? — questionou, me encarando firmemente.

— Você não? — devolvi a pergunta, e ele balançou a cabeça

concordando.

Seguimos assistindo ao filme e conversando sobre o desenvolvimento da trama. A história já me era uma grande conhecida, e Rômulo confessou que também já tinha visto uma vez na Sessão da Tarde.

— Mas eles cortaram essas partes mais picantes — comentou.

O filme terminou ainda muito cedo e decidimos embarcar na sequência. Mais à vontade, Rômulo levantou da cama para se livrar do cinto e da camisa xadrez que usava sobreposta a uma branca. Os braços marcados na camiseta de malha manga-curta eriçaram os pelos da minha nuca e, por alguns minutos, eu já não sabia se assistia ao filme ou admirava Rômulo.

— Presta atenção na tevê, mulher — ele comentou sorrindo e me libertando do transe em que me prostrei por alguns segundos.

Tá bom, o cara estava mexendo comigo. Os últimos meses foram completamente dedicados ao livro empacado e, na verdade, já fazia algum tempo que eu não me dedicava a ficadas pontuais, quiçá a um relacionamento. Era óbvio que a segunda hipótese estava fora de circunstância naquele momento, mas nada me impedia de aproveitar a viagem de maneiras além das que me propus à princípio.

Relacionamentos fazem parte das necessidades humanas e eu *estou* falando de sexo mesmo. *Desestressa*, acalma, faz bem para o coração. Era meio perceptível que ele estava a fim também, ou eu estava muito enferrujada na arte da paquera para compreender os sinais de forma equivocada.

— Consigo prestar atenção em duas coisas ao mesmo tempo — comentei. — E, na verdade, tem uma outra coisa me chamando mais atenção que o filme.

As bochechas dele ganharam um tom avermelhado que eu achei sexy e fofo ao mesmo tempo. As convenções criaram uma barreira de até onde a mulher pode ir para seduzir um cara, mas eu nunca fui muito dada a estar dentro delas mesmo.

Joguei o anzol, como quem não quer nada, e esperei ele morder a isca. Não demorou muito, no entanto, e agradeço aos céus e ao filme que decidi assistir pelo presente recebido.

Quando o casal protagonista começou a enredar de uma maneira mais sensual, Rômulo me encarou. Os olhos castanhos estavam negros e me encaravam famintos. A expectativa cresceu dentro de mim e eu fiquei parada por alguns segundos, buscando entender sua reação.

Num rompante, ele virou seu corpo de lado e alojou o braço atrás do meu pescoço, puxando meu rosto para o seu. A boca ávida tomou posse da minha e eu fiquei tão desnorteada num primeiro momento, que não correspondi a sua investida. No entanto, quando acordei para a situação, ergui meus braços, atravessando-os atrás de seu pescoço e o puxei mais para mim.

Nossas línguas entraram numa batalha digna de *Game of Thrones* e eu decidi que não precisaria de oxigênio por uns dois dias se tivesse que parar aquele beijo para buscá-lo.

Minhas mãos desceram pelos seus braços, e eu apertei a rigidez dos seus músculos. Sua boca desceu para o meu pescoço apenas por tempo suficiente para buscarmos por ar — *é, no fim eu precisei* —, e logo estava de volta à minha.

Nosso beijo foi interrompido pelo pulo de Gato entre nós dois e ao mesmo tempo em que nos assustamos com a interrupção, também rimos da situação. Virei para a porta e percebi a fresta aberta, por onde o pequeno animal havia passado.

Por alguns segundos, ficamos naquele momento pós-beijo em que ninguém sabe como agir, mas Gato se esfregando em nós dois fez com que o gelo fosse quebrado e a gente voltasse a lidar com a situação de forma tranquila.

Viramos para a tevê enquanto alisávamos Gato, tentando voltar ao normal, quando nada estava normal. Nossos corpos quentes estavam, agora,

mais próximos e, de repente, eu me vi acomodada próxima ao peito de Rômulo.

Apesar de todas as *não convenções* em que vivo, meu corpo e minha mente tentavam buscar respostas para a situação e travavam uma batalha com a parte de mim que queria apenas aproveitar tudo aquilo, sem pensar no que aconteceria depois.

Dava para sentir a tensão de Rômulo, que provavelmente estava tendo uma discussão interna tal qual a minha, a não ser que ele costumasse ficar com hóspedes solteiras da pousada.

Expulsei o pensamento para longe, assim como a pequena onda de ciúmes que veio junto com ele. O ser humano e seu conceito de posse.

Aos poucos, a segunda parte foi dominando a primeira e eu consegui relaxar. Outros beijos foram roubados e, enquanto os créditos do filme subiam na tela da tevê, minha boca estava grudada à de Rômulo.

— Acabou o filme — a voz rouca sussurrou no meu ouvido, me arrepiando em todos os pontos do corpo.

— Acho que sim — respondi sorrindo.

— O passeio tá de pé amanhã? — ele perguntou, levantando da cama e esticando os braços. O movimento fez com que a barra de sua camiseta subisse e um pedaço de sua barriga aparecesse, fazendo com que minha mente viajasse para caminhos obscuros e intensos.

Balancei a cabeça, tentando voltar ao normal e pronta para responder a sua pergunta.

— Com certeza! Hoje eu trabalhei demais no livro, preciso respirar para trabalhar nos ajustes finais — respondi, enquanto levantava para me despedir dele.

— Então nos vemos amanhã cedo — ele comentou, envolvendo os

braços em minha cintura e tomando minha boca em mais um beijo.

Anuí, balançando a cabeça enquanto ele pegava as peças de roupa que havia tirado e carregava para fora do quarto, junto com Gato, que havia apagado em cima da cama.

— Boa noite — sussurrou, acariciando meu rosto.

— Boa noite — respondi, sorrindo e lhe dando um selinho, antes de fechar a porta do quarto.

Suspirei no meio do ambiente, sem saber muito bem como seria a partir dali. Às vezes a gente quer dar nome para as relações em vez de apenas senti-las e isso acaba nos levando para caminhos mais difíceis e dolorosos. Sabendo que vivíamos vidas completamente diferentes, tudo o que eu queria era aproveitar o momento e fazer com que minha cabeça parasse de pensar em milhares de caraminholas ao mesmo tempo.

Organizei a pouca bagunça no quarto e segui para um banho frio, a fim de acalmar os hormônios em ebulição que dominavam meu corpo. A ansiedade para o dia seguinte já estava palpitando dentro de mim, tanto por conhecer um pouco mais desse lugar incrível, quanto por passar mais tempo na presença de Rômulo.



Capítulo 4

Rômulo

Entrei no quarto, seguindo direto para o frigobar e pegando uma cerveja. Não deveria estar bebendo mais, especialmente depois de ter marcado de sair cedo com Fernanda, mas eu precisava esfriar a cabeça.

Desde que abri a porta da pousada, sabia que ela era encrenca. E ela era encrenca exatamente por ter mexido comigo da forma que mexeu. Quarento e oito horas na sua presença e minha cabeça gritava para fugir, mas minha boca só falava motivos para ela estar mais perto de mim.

Mas eu definitivamente não estava fugindo, especialmente depois do que aconteceu no quarto.

Porra, ela *estava* hospedada em cima de mim desde a minha ideia de lhe dar um *upgrade*, apenas para que a gente estivesse mais próximo um do outro, ou para que eu tivesse essa sensação.

Envolver-me com uma hóspede já era ruim o suficiente, mas me envolver com uma que morava há estados de distância era para foder ainda mais com a minha cabeça.

E agora eu tinha beijado ela. Beijado muito ela.

Se bem que com ela morando longe a chance de um relacionamento

vingar era menor. A gente podia se pegar aqui, depois cada um para o seu lado e é isso aí.

Mas, porra, será que eu quero cada um para o seu lado?

Ô inferno!

Tomei a cerveja em goles rápidos, enquanto tentava fazer minha mente funcionar de alguma forma plausível.

--

Não dormi quase nada, mas acordei cedo e bem-disposto na manhã seguinte. Obviamente que a disposição tinha nome e sobrenome: Fernanda... O sobrenome eu teria que dar uma olhadinha na ficha.

Tomei um banho rápido e bem gelado, e parti para o café da manhã.

— Bom dia, Dora — cumprimentei a cozinheira que já estava colocando a mesa para os hóspedes. O relógio da cozinha marcava dez para as seis da manhã, e com certeza em poucos minutos grande parte dos hóspedes já estariam ocupando as mesas para começar o dia.

A parte boa de trabalhar em um lugar tão turístico era a quantidade de pessoas que a gente conhecia. Cada nova temporada trazia novos rostos e novas histórias. Alguns estavam vivendo uma fase feliz da vida, outros só queriam um momento de paz, jogar fora o estresse acumulado, e alguns vinham em busca de respostas para grandes perdas.

— Bom dia, menino — Dora respondeu sorrindo. Já trabalhava aqui há anos e me viu crescer, então me tratava como se eu ainda fosse o menino arteiro que vivia se escondendo da mãe para não tomar banho. — Deixei uma lista com o Marcelo, de itens que precisam ser comprados, depois dá uma olhadinha lá pra autorizar a compra.

Balancei a cabeça concordando e já procurando Marcelo, meu braço direito na pousada e na fazenda, a fim de conferir a tal lista.

Com os pequenos ajustes do dia prontos e já com a segunda xícara de café em mão, voltei para o salão e, como esperava, ele estava lotado de hóspedes. Cumprimentei alguns, sorri para outros e indiquei a melhor rota para alguns passeios, tudo isso enquanto me aproximava da última mesa do salão, onde ela estava sentada com cara de sono.

— Bom dia — cumprimentei, meio sem saber o que fazer. Puxar uma cadeira para sentar, dar espaço para ela... Esse negócio de flertar é complicado.

— Bom dia! — Ela sorriu, faceira, apontando a cadeira em frente a sua para que eu me sentasse, o que fiz rapidamente. — Pulei da cama.

— Imaginei que eu fosse precisar bater na porta do seu quarto.

— Que nada! Deixo a cortina aberta e a luz do sol me acorda, ontem foi a mesma coisa, aí aproveitei para escrever.

Assenti e me mantive um pouco mais quieto, bebendo o café em goles suaves enquanto ela aproveitava o café da manhã. Fernanda sabia aproveitar as delícias da nossa terra e comia de tudo com gosto, mas estava especialmente focada no bolinho amarelo.

— Então você gostou do cuscuz...

— Comería isso aqui todos os dias.

Com o café da manhã concluído, Fernanda subiu para o quarto a fim de pegar todos os itens necessários para a nossa trilha. Eu procurei por Marcelo apenas para conferir se estava tudo bem na pousada e avisar que passaria o dia fora.

— Vai com tudo, chefinho...

— Vê se não enche!

Com os risos dele e de Dora de fundo, saí da cozinha da pousada e encontrei Fernanda no salão de entrada.

— A loja de que te falei fica ali perto da ponte, vamos rapidinho e depois voltamos para pegar o carro, é difícil estacionar por lá a essa hora.

Ela concordou, e rapidamente seguimos até a loja. O relógio marcava sete da manhã e o quanto antes saíssemos, menos gente encontraríamos na trilha, o que fazia do passeio ainda mais especial.

Fernanda foi rápida na escolha por um tênis, meias e um calça *legging* preta. Sugeri também a compra de uma camisa com proteção UV e ela acatou. Saímos da loja em direção à pousada, logo entrando no carro e começando a viagem.

— O trajeto é rápido — coloquei o carro em movimento e comecei a explicar a Fernanda como faríamos —, a gente vai dirigir por meia-hora até o estacionamento do Poço. Deixamos o carro lá e começamos o trajeto andando. A trilha dura uns 20 minutos até a cachoeira.

— A trilha é muito complicada? Nunca fiz isso na vida.

— *Que nada*, é uma das mais simples — respondi sorrindo. — Sempre tá cheia de turista, até crianças fazem ela tranquilamente. Escolhi vir cedo, pois assim a gente não pega o horário de pico. Umas nove da manhã lá vai estar fervendo.

Fernanda se mostrou empolgada para o desafio. Achei interessante o fato dela carregar um bloquinho de notas onde sempre estava rabiscando, de acordo com as informações que eu lhe passava.

Não tardamos em chegar ao estacionamento. Deixamos o carro e, antes de entrar na trilha, paramos para nos abastecer de água e umas barrinhas de cereal.

— Grande parte do caminho é plano, mas sempre olhe pra baixo, às vezes podem surgir pedras e elas podem ser um grande problema.

Fernanda colocou na cabeça um chapéu rosa que havia trazido na mochila e eu não tinha percebido até então, e começou a me seguir. A primeira parte do caminho foi tranquila, até que chegamos na parte em que o rio começou a surgir.

— Precisamos pular para o outro lado do rio, a trilha segue por lá — comentei, já me antecipando para lhe ensinar como fazer.

— O quê? Mas você tá é louco que eu vou pular isso aqui! — Dei risada da reação já esperada e dei espaço para que um casal que vinha atrás de nós seguisse o caminho.

— Viu como é simples? — questionei quando eles passaram.

— Se eu escorregar e morrer? Meu Deus, sabe quanto é um transporte de corpo? Caro! — reclamou, mas foi se aproximando da ponta da pedra onde eu estava. — E eu nem terminei de escrever o livro. — Ouvi seu último comentário que parecia ter sido feito apenas para si mesma.

— Faz assim, eu pulo e depois você vem, assim eu te seguro.

— Não sei não...

Nesse momento, um colega que trabalhava como guia turístico na Chapada apareceu e se ofereceu para ajudar. Ele segurou Fernanda por um lado e eu pulei da pedra, segurando-a do outro lado. Superando o medo, ela se jogou nos meus braços e eu dei dois passos para trás, mantendo-a entre minhas mãos.

O corpo quente e suado colado ao meu mantinha sintomas do nervosismo e calor que estava sentindo. Fixei meus olhos nos seus e ela permanecia do mesmo jeito, sorrindo bravamente pelo obstáculo superado.

— Viu como foi simples? — decidi quebrar o clima lhe dando um selinho antes de voltarmos a seguir a pista.

Não queria investir muito em lembrar a noite passada. Já era difícil uma mulher enfrentar uma trilha com um cara que mal conhecia, se eu fizesse e demonstrasse o tanto de interesse que senti por ela, poderia assustá-la ainda mais.

— Se essa é a trilha mais fácil, nem quero saber da mais difícil.

— Ah, a mais difícil dura uns quatro dias — comentei despretensiosamente, e sorri da reação assustada dela.

A partir dali o caminho ficou mais simples. Eu lhe ajudei em alguns pontos onde a inclinação era maior ou as pedras mais escorregadias, mas, para quem nunca tinha feito uma trilha, até que ela se saiu muito bem.

— Estar no meio do nada, sozinho, é, ao mesmo tempo, alucinante e maravilhoso, né? — A trilha tinha poucos metros em linha reta, então como estávamos fazendo curvas todo o tempo, era difícil ficarmos próximos de outras pessoas que estivessem fazendo a trilha, o que dava a sensação de estarmos sozinhos no meio da natureza selvagem.

— É engraçado como eu não me acostumo a isso, e olha que nasci e cresci aqui — respondi, sorvendo mais do ar fresco local.

O sol brilhava acima de nós, refletindo na água que nos seguia pelo caminho. As rochas ao redor eram escorregadias e faziam com que Fernanda precisasse se apoiar em mim em diversos momentos. Vez ou outra, precisávamos nos abaixar para passar por algum arbusto que tomava a trilha.

— E você sempre gostou? Nunca quis sair?

Mirei seus olhos escuros e brilhantes de curiosidade. Nunca me senti confortável em falar tanto sobre meus sentimentos, ainda mais para uma pessoa desconhecida, mas ela tinha o dom de me deixar à vontade. Enxergar ela em volta de todo esplendor da chapada era intenso. Ao mesmo tempo em que ela, visivelmente, não era uma garota das trilhas, todos os seus tons combinavam com o lugar em que estávamos. O cabelo terroso e quente, quase do tom do rio, a pele bronzeada de quem parecia viver esticada nas

pedras tomando sol e o sorriso aberto e sincero que só quem tem muito contato com a natureza pode ter.

— Fiquei um tempo fora, no período da faculdade. Fui pra Ilhéus estudar Engenharia Agrônômica, mas quando minha mãe adoeceu, precisei voltar para cuidar dela e nunca mais saí.

— Mas e agora, você sente que aqui é o seu lugar pra sempre?

Olhei ao redor, havíamos chegado a um ponto plano da trilha. Dali era possível ver a mata virgem se estendendo por muitos metros. Pequenos calangos corriam de um lado para o outro e os sons da natureza se faziam presentes. Era ali que eu queria estar para sempre?

— Não sei... É que eu não conheço outra vida, sabe? E a pousada é uma herança de *mainha*, foi construída com o suor dela. Não me sinto bem em largar tudo aqui.

— Mas você sente que está vivendo a sua vida? Sei lá, às vezes a gente se sente na obrigação de viver uma vida que foi projetada pra gente por outra pessoa ou de continuar o legado de quem a gente ama. Isso faz com que nunca fiquemos satisfeitos com o que estamos fazendo.

— Nunca pensei por esse lado, mas é complicado — respondi, tentando não pensar no assunto.

— Esse foi um grande problema pra mim, quando resolvi seguir a carreira de escritora — ela comentou, andando ao meu lado em uma das partes mais largas da trilha. — Venho de uma família de médicos. Minha mãe é psiquiatra, meu pai cardiologista e ambos os meus irmãos seguiram para a medicina. Acabei abandonando o curso na metade, mesmo gostando da função. Mas senti que eu estava vivendo para a família, não pra mim.

— Sei bem como é — comentei, mas não estendi muito o assunto, até porque estávamos à beira da cachoeira.

— Não acredito que tem uma tirolesa! — ela exclamou, empolgada

quando se viu frente a frente com o poço do diabo. — Quero ir!

— Depois de não querer atravessar o rio, achei que fosse amarelar na cachoeira também.

— Mas é nunca! Adoro a adrenalina que dá flutuar no vazio.

Tiramos as peças de roupa e entregamos ao responsável pela cachoeira, com quem já tínhamos conversado e pago a tarifa para descê-la. As roupas nos seriam entregues lá embaixo, então não tínhamos preocupação além de nos divertirmos.

— A água é fria, hein? — brinquei com Fernanda, e ela riu. Eu iria descer primeiro e ela viria logo atrás.

O Poço do Diabo era formado por pequenas quedas d'águas e uma grande cachoeira, que desembocavam em um Rio estreito com pedras muito escuras ao redor, dando a sensação de um poço sem fundo. A parte debaixo estava lotada de turista, mas nada parecido com como ficaria em algumas horas.

A descida foi rápida e, quando meu corpo, quente da andança, entrou em contato com a água gelada do rio, foi como se todos os meus órgãos tivessem parado por milésimos de segundo, voltando a funcionar quando ergui a cabeça, tirando-a da água.

A equipe da tirolesa retirou o equipamento do meu corpo logo em seguida, e então eu me virei para aguardar a descida de Fernanda.

O grito alto dela causou riso em algumas das pessoas presentes e, quando ela se ergueu da água, a cabeleira castanha estava amortecida, dando destaque ao seu rosto suave.

Fernanda se agarrou em mim, ainda em choque com a mudança brusca de temperatura, porém rindo da brincadeira. Apoiei minha mão em sua cintura e aproximei meu corpo do meu, tentando utilizar os aprendizados das aulas de Física sobre como aquecer nossos corpos.

Se na noite passada o seu corpo coberto em contato com o meu já causou frisson, nem tenho palavras para definir como foi não ter barreiras entre nós.

Após retirar o equipamento, seguimos para a parte mais rasa do rio e Fernanda se encostou em uma das pedras para tomar um pouco de sol.

O corpo delgado estava marcado pelo biquíni preto que usava. A calcinha de lacinhas valorizada o seu quadril e me tentava na mesma proporção. Os seios estavam empinados em minha direção e o bico intumescido graças a temperatura da água. Me mantive submerso até a cintura, pois a última coisa que eu queria era me passar por depravado.

Mantivemos uma conversa leve e eu descobri um pouco mais sobre a Fernanda. Ela escrevia romances românticos e adorava transformar o enredo em algo mais sensual. Me contou que seu foco era valorizar a libertação feminina, especialmente no contexto sexual.

Ela falava com tanta paixão sobre o seu sonho que virou realidade, que até me fez ter vontade de refletir sobre o que eu realmente gostaria de estar fazendo. Não que eu odiasse a fazenda ou a pousada, mas não era ali que eu tinha planejado passar toda a minha vida. No entanto, com a morte de ambos os meus pais, me senti na obrigação de seguir com os sonhos deles.

Os olhos cor de chocolate de Fernanda apreciando a vista davam a impressão de que ela estava decalcando tudo aquilo na memória. Não sei como, mas eu tinha certeza de que ela conseguiria descrever tudo aquilo no papel, e de repente me peguei curioso para conhecer um pouco mais da escrita dela.

Quando o Poço começou a encher de turistas, decidi que era a hora de irmos. Fernanda assentiu, já estava levemente bronzeada pelo sol e carregava a moleza que o contato com a água sempre trazia.



— Vamos voltar para a pousada? — ela questionou assim que entramos no carro. A expressão afoita demonstrava a empolgação que sentia em conhecer a Chapada e logo me deu a ideia de um novo lugar para visitar.

Apesar das conversas profundas, por toda manhã não tocamos no assunto dos beijos trocados na noite anterior e eu estava me corroendo por isso, tanto em querer saber mais da reação dela ao que aconteceu ontem, quanto por querer que acontecesse novamente.

Sem responder ao seu questionamento, pisquei um olho e, antes de dar partida no veículo, me inclinei e coleí a boca na sua. O beijo foi rápido, mais um selinho, mas as bochechas rubras de Fernanda foram uma prova de que ela estava tão dentro quanto eu, seja lá o que isso significava.

Coloquei o carro na estrada e enquanto seguia com uma mão no volante, com a outra acariciava a mão de Fernanda, que falava sem parar sobre como tinha amado o Poço do Diabo e quão curiosa estava para saber para onde estávamos indo.

— Cor favorita? — ela decidiu começar um jogo a fim de que nos conhecêssemos melhor ao longo da viagem.

— Verde — respondi, e ergui a sobrancelha para ela, em retorno à pergunta.

— Azul, pura influência do mar. Às vezes eu consigo ouvir o barulho das ondas do *loft* onde moro, são as melhores noites — respondeu, encarando o horizonte, provavelmente se lembrando dos momentos que citou. — Um país que quer muito conhecer?

— Austrália, quero me aventurar com aquelas aranhas e coisa e tal.

— Homens! — Revirou os olhos, e eu sorri. — Quero conhecer o

Canadá, especialmente no inverno. Imagina como deve ser perfeito escrever olhando a neve pela janela.

— Não consigo me imaginar naquele frio, não tendo todo esse calor por aqui — comentei. — Bebida favorita?

— Vinho tinto. Adoro escrever depois de tomar uma taça ou duas, sempre fico mais levinha.

— Então você é melhor depois do vinho? — questionei erguendo a sobrancelha, dessa vez com uma intenção completamente diferente.

Seguimos no jogo e, com isso, descobri que o filme favorito dela era *Forrest Gump*, mas que ela já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha assistido *A Proposta*, e eu anotei na mente para dar uma olhadinha no segundo.

Também soube que ela nasceu e cresceu na Tijuca, mas que há pouco mais de dois anos havia se mudado para Copacabana, bairro onde sempre quis morar. Era viciada em chocolate e sempre comprava barras caríssimas para comer apenas quando concluísse a escrita de um livro, dei risada deste último e recebi um tapa no braço como resposta.

— Chegamos! — anunciei quando entrava com o carro no estacionamento da Pratinha, um dos pontos turísticos mais bem-estruturados da Chapada.

— De repente estamos num parque aquático? — questionou, e eu ri.

— Quase isso... Aqui você consegue visitar a Gruta Azul; sim, aquela da novela; também dá pra passear a cavalo, mergulhar para ver os peixes e entrar numa piscina natural repleta de peixinhos que vão comer todas as suas peles mortas.

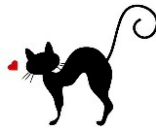
— Opa, já curti o SPA.

Almoçamos e logo em seguida fomos explorar o ambiente, Fernanda

se empolgou com absolutamente todas as atrações, e quando não estava com o celular em punho tirando fotos do lugar, estava com o celular em punho fazendo selfie de nós dois.

— O João vai amar essas! — exclamou, comentando sobre o melhor amigo de quem já tinha falado mais cedo.

Foi engraçado vê-la toda solta. Apesar de termos conversado muito nos dois primeiros dias, foi só nesse passeio que Fernanda se mostrou mais à vontade comigo, e por *à vontade* eu quero dizer que não parava de falar. A tempestade de informações foi divertida e fez com que o passeio fosse ainda mais especial.



— Ai meu Deus, que agonia! — Quando entramos na piscina natural repleta de pequenos peixinhos que beliscavam toda pele que encontravam, Fernanda não conseguiu lidar com as cosquinhas e se contorceu na água o tempo inteiro, decidida a não sair, mas sem poder ficar solta por muito tempo.

Passei meus braços em volta dos seus e a puxei para mais perto, rindo das gargalhadas que ela dava enquanto tentava lidar com os pequenos exterminadores, como ela gostou de chamar.

Não consegui me conter por muito tempo e logo aproximei mais nossos corpos, buscando sua boca com a minha. O beijo não durou muito, já que estávamos rodeados de criança e minha última vontade era sermos acusados de atentado ao pudor, mas acendeu em mim a vontade de voltarmos para casa o quanto antes.

E foi o que fizemos.

O sol já estava alto e o corpo estava cobrando por todo o tempo exposto a ele. Agradei pela boa memória de Fernanda em passar protetor

solar a todo momento ou a situação poderia estar bem pior.

A volta para casa seria um acúmulo das duas viagens anteriores, então tardaria um pouco mais. Fernanda colocou uma *playlist* para tocar e fomos embaladas pela música de *Ed Sheeran* no caminho de volta. O cansaço cobrou seu preço, então passamos a maior parte do tempo em silêncio, com Fernanda cochilando algumas vezes.



— Preciso de um banho morno e dormir por umas quatro horas. — Gato estava na recepção da pousada assim que chegamos e foi acariciando o pelo negro do bichano que Fernanda revelou seus planos.

— É uma boa alternativa — respondi. — Talvez até eu faça o mesmo.

Ela sorriu, e eu quase a convidei para descansar no meu quarto, mas balancei a cabeça a fim de tirar as segundas intenções da mente. Nos conhecíamos há três dias e já havíamos avançado mais sinais do que poderia ser possível em tão pouco tempo.

Minha cabeça estava em parafuso com a situação.



Capítulo 5

Entrei no quarto largando os tênis ao lado da porta e já passando a camisa e o top do biquíni pela cabeça. Meu corpo ardia pelo sol e meus músculos doíam pelo esforço não costumeiro, mas eu não poderia estar mais animada com o desenrolar do dia.

O jato morno do chuveiro relaxou os músculos tensos e, mesmo estando uma delícia ficar com a cabeça embaixo d'água, saí rapidamente, pois eu estava mais necessitada de umas boas horas de sono do que de mais alguns minutos no banho.

A cama me abraçou tal como um amante, *e nesse ponto talvez eu preferisse que fosse um outro amante*, e eu me entreguei ao sono em segundos.



Acordei suando e atordoada com o ar-condicionado desligado, eu tinha plena certeza de que havia colocado dezoito graus no mostrador. Tateei atrás do controle e quando pressionei o botão, percebi que o problema era a falta de luz.

Impossibilitada de dormir com tanto calor, e já ouvindo os chiados dos pernilongos no meu ouvido, tateei novamente, dessa vez em busca do celular, e ativei a lanterna, me levantando da cama e buscando uma roupa leve para vestir. Um feixe de sol ainda era visto no horizonte, mas o quarto já estava escuro o suficiente para não conseguir enxergar quase nada.

Batidas soaram na porta no mesmo minuto, e a voz de Rômulo chamando meu nome soou em seguida.

— Estourou um dos geradores da rua e todo esse lado da cidade está sem luz — ele comentou assim que abri a porta. — Já acionei a equipe de energia elétrica, mas não sabemos quanto tempo eles vão demorar para chegar.

— *Putz!* — Não sabia muito bem como reagir à situação, já imaginando como seria difícil dormir ali sem ar-condicionado.

— Que tal ir tomar uma cerveja e comer algo enquanto esperamos? — ele questionou, passando a mão na cabeça e sorrindo torto.

Concordei de imediato, e ele me esperou enquanto eu trocava de roupa. Logo estávamos seguindo a caminho da praça principal. Além dos bares, a praça tinha uma feirinha com diversos itens locais e nós demos uma andada por lá antes de escolhermos um lugar para sentar.

Durante o jantar, a conversa seguiu tranquila. Falar com Rômulo era natural. O assunto fluía de forma fácil e, mesmo uma parte de mim acreditando que ele não se entregava, outra parte aceitava a situação, afinal o nosso *lance* era passageiro. Em sete dias eu estaria voltando para o Rio e, sinceramente, não conseguia pensar em como essa situação iria terminar.



— Temos luz — Rômulo comentou assim que passamos pela porta de entrada da pousada e eu ri. Já tínhamos visto, desde a praça, que a luz do lado de cá da cidade havia voltado, então a comemoração dele era mais brincadeira do que qualquer outra coisa.

O jantar tinha sido ótimo não só pela conversa, mas a proximidade de Rômulo despertava algo em mim que eu ainda não sabia nomear. Os beijos

dele tinham um gosto diferente, a forma como ele apertava minha cintura afetava pontos do meu corpo que eu não imaginava que um simples toque pudesse afetar.

Então, mesmo não querendo seguir para o meu quarto, quando chegamos à pousada, me senti obrigada a fazê-lo, já que ele não investiu na oportunidade para algo mais.

Quando fechei a porta do quarto me xinguei mentalmente por ter caído na ladainha de sempre de que o cara deveria tomar a atitude relacionada ao sexo. Se eu queria tanto quanto ele, ou talvez mais, por que não disse?

Burra, burra, burra.

A vontade era de descer as escadas correndo, bater na porta dele e saciar toda a vontade que eu vinha guardando desde que ele abriu as portas da pousada para mim.

Pesquei o controle do ar-condicionado e acionei o botão de ligar, disposta a me jogar na cama e esquecer das pretensões noturnas que habitavam minha cabeça. Todavia, quando após três cliques, nada aconteceu, senti que era um pontapé do destino para que eu me jogasse na vida, e por vida eu quero dizer os braços de Rômulo.

Ele abriu a porta depois da primeira batida, quase como se estivesse esperando por isso do outro lado. Nem pensei em mencionar sobre o ar-condicionado, só me joguei em cima dele, que fechou a porta com o meu corpo enquanto juntava sua boca na minha em um beijo que trouxe à tona tudo o que eu tentei reprimir enquanto estava no meu quarto.

— Estava quase indo te buscar — ele comentou quando nos desgrudamos em busca de um ar que eu desejava muito não ser necessário.

— Fui mais rápida — respondi, grudando minha boca na sua, novamente.

Rômulo foi me puxando para um canto do quarto, e quando me dei

conta estava acomodada no seu colchão macio, enquanto seu corpo ocupava todas as partes de mim.

Seus lábios desceram pelo meu pescoço e a barba pouco aparada arranhou minha pele, causando uma ardência gostosa que enviava impulsos elétricos por todo meu corpo. Gemi baixinho e isso o incentivou a seguir na investida, puxando a alça do macaquinho que eu usava no caminho.

— Você cheira tão bem — a voz rouca sussurrou ao meu ouvido, e eu segui gemendo em resposta —, queria experimentar isso há tanto tempo.

Embrenhei minhas mãos dentro da camisa preta que ele vestia, sentindo a textura da pele e dos poucos pelos que adornavam sua barriga. O corpo quente tornava tudo ainda mais sensual e abrasava a minha vontade de tirar a camisa do seu corpo e sentir sua pele em contato com a minha.

Poderia ter sido delicado, um tirando a roupa do outro, como em todos os romances que eu escrevo, mas a verdade é que foi desesperado. Ele tirou o corpo de cima do meu e arrancou a camisa pela cabeça numa rapidez impressionante. A bermuda jeans seguiu o mesmo caminho ao mesmo tempo em que eu descia a alça do macaquinho e tirava a peça pelas pernas.

Só de lingerie, nos atracamos novamente na cama, a boca descendo por todo o meu colo e se infiltrando pelo pequeno sutiã de renda vermelha, que em nada combinava com a calcinha rosa, mas quem se importa quanto todas as peças vão sair do meu corpo?

— Você gosta assim? — ele perguntou, sugando meu seio direito e mordiscando o bico, enquanto massageava o outro. Por um momento eu quase ri do comentário, mas achei fofa a forma atenciosa como me tratava, e na verdade nem estava pensando muito no que responder.

Grunhi concordando, e ele seguiu explorando meus seios, para logo descer a boca por toda a minha barriga, até chegar ao cócs da calcinha.

Rômulo soprou ali e o ar quente, em contato com o meu centro frio, me fez tremer, mesmo que ainda através do tecido. Ele não perdeu tempo e,

com a boca, puxou o pano da calcinha através das minhas pernas. Dei risada com sua ação animalasca, mas o barulho logo se converteu em um gemido quando sua língua começou a passear na parte interna da minha coxa.

— Ri agora, vai — ele provocou, e eu ri novamente, para em seguida grunhir com sua boca fria em contato com o meu centro úmido.

— Mas o quê? — questionei, e ele ergueu a *long neck* na mão.

— Tinha acabado de abrir quando você entrou, acho que a gente precisa dar uma esfriada nas coisas aqui embaixo... — Piscou para mim.

A alternância de temperaturas estava causando um frisson no meu corpo e, para não puxar seus cabelos com força, descontei toda a minha fúria amassando os lençóis e mordendo o travesseiro.

— Rômulo, não para... — Senti meu corpo evoluindo para um orgasmo e elevei meu quadril em contato com sua boca. Ele chupava meu clitóris e vez ou outra raspava os dentes com uma precisão impressionante, me deixando ainda mais alucinada.

Não demorei para ver estrelas, por mais clichê que isso pareça. Eu não fazia sexo há um tempinho e a forma como ele se dedicava a me dar prazer fez com que tudo fosse rápido até demais para mim.

Não sei por quantos segundos ou minutos fiquei flutuando sob o véu do orgasmo, mas foi tempo suficiente para Rômulo tirar sua cueca e se deitar por cima de mim. O membro ereto procurava espaço na minha barriga e não me fiz de rogada antes de lhe abrir espaço.

Roçando a barba em meu pescoço, ele enfiou as mãos pelas minhas costas e abriu o fecho do sutiã que eu sequer me lembrava de ainda habitar meu corpo. Em seguida, voltou a boca para a minha e eu pude sentir um pouco dos meus fluidos em seus lábios.

— Camisinha — sussurrou no meu ouvido, e ergueu o corpo em direção à mesa de centro, abrindo a gaveta e pegando um pacote prateado que

abriu rapidamente, revestindo seu membro.

Ondulei meu quadril em sua direção e após pincelar o pênis em minha entrada, ele arremeteu de uma só vez para dentro de mim.

Não consegui conter o gemido e tenho absoluta certeza de que todos na pousada ouviram, mas eu estava pouco me importando naquele momento. Rômulo prendeu os olhos no meu e eu entendi que queria confirmação para seguir com os movimentos.

Fiz um movimento leve com a cabeça que ele compreendeu de imediato, começando a se mexer. Passei os braços ao redor do seu pescoço, aproximando sua boca da minha e o puxando para um beijo.

Os movimentos, que começaram lentos, foram ganhando proporção dentro de mim. Rômulo gemia no meu ouvido, me deixando com ainda mais tesão. Soltei a mão das suas costas e dei um tapa em sua bunda e, mesmo chocado, ele entendeu a deixa e tornou os movimentos mais rápidos e precisos.

— Eu não consigo parar, mas se eu não parar não vamos durar muito tempo — ele sussurrou no meu ouvido, aumentando ainda mais o ritmo das investidas.

Elevei meu quadril, indo de encontro ao seu e fazendo com que seu membro atingisse um ponto ainda mais fundo dentro de mim.

— Não pare! — Busquei meu olhar com o seu. — Temos a noite toda.

E ele não parou.



Joguei-me na cama ao lado de Rômulo, e fiquei um pouco chocada ao

me dar conta da janela aberta. O céu era um manto negro repleto de pequenos pontos brilhantes e desde a posição em que estávamos, nenhum ponto luminoso era visto, além das estrelas.

As cortinas balançavam pela brisa suave que entrava pela janela, uma grata surpresa foi a não necessidade do ar-condicionado e eu até me senti burra por não ter percebido isso nas duas noites anteriores.

Sua respiração profunda foi se acalmando aos poucos e não tardou para que eu sentisse seus braços em volta do meu corpo, me puxando para mais perto. Acomodei meu rosto em seu corpo e o ato fez com que borboletas formigassem no meu estômago, já me dando medo do que aquela situação estava se transformando.

Eu só queria um sexinho casual, pelo amor de Deus.

Depois de alguns minutos, seguimos para uma ducha rápida e eu logo voltei ao quarto e me enfiei debaixo das cobertas. Depois do banho morno, a brisa que vinha da janela já parecia fria demais.

— Então você mora aqui? — questionei quando ele se acomodou ao meu lado e ligou a tevê.

— Tenho uma casa na fazenda, mas acabo ficando mais por aqui, por ser mais perto do centro e facilitar o cuidado com a pousada. — Sua atenção estava voltada para a tevê enquanto buscava por algo para assistirmos.

— E quem cuida da fazenda? — questionei, tentando chamar a atenção dele para mim, o que funcionou. Rômulo largou o controle e se virou para mim, mas logo mudou de posição encaixando-se atrás do meu corpo.

— Tem algumas pessoas que trabalham lá desde a minha infância, então eu deixo tudo na mão deles. Vou algumas vezes na semana, tanto por gostar de estar no meio do mato quanto por precisar estar de olho no negócio, mas prefiro ficar por aqui.

— Então você cuida de toda a administração da pousada — comentei,

e ele concordou.

— Sim, eu gosto de lidar com pessoas, especialmente com pessoas de culturas diferentes. — O rosto dele se voltou para o céu quando começou a falar e automaticamente eu me coloquei mais atenta. — É mágico ouvir as experiências que elas já viveram, os motivos pelos quais chegaram até aqui. Fico imaginando sobre como deve ser incrível conhecer o mundo.

— Mas você já pensou na possibilidade de ir conhecer o mundo com as próprias pernas? — O semblante de Rômulo mudou completamente com a minha fala e eu quase me arrependi de tê-la dito. No entanto, o pouco tempo que passei com ele me mostrou um homem que amava o lugar onde nasceu, mas que parecia preso a ele de uma forma que não parecia muito positiva. — Não me leve a mal, mas é que às vezes eu acho que você tá preso aqui, sabe? Que não consegue sair, visitar outros lugares.

— É complicado...

— Você não precisa abandonar tudo, pode só viver um pouco mais por você.

— A fazenda é uma herança do meu pai. Quando ele morreu eu era tão jovem que sequer me lembro da presença dele ao meu lado. Minha mãe lidou com a fazenda mesmo que o sonho dela fosse ter essa pousada. Ela conseguiu realizar enquanto eu ainda era um garoto e desde então carregava as duas coisas nas costas.

— Então você acredita que é obrigação sua carregar os planos dos seus pais junto com você.

— Sei lá, é que eu me sinto mais perto deles assim.

Assenti de leve e me calei, mesmo querendo muito aprofundar a conversa. Eu conhecia Rômulo há três dias, mas sentia uma vontade imensa de partilhar meus pensamentos com ele, como não tinha vontade de fazer há tempos. Isso acabava resultando em querer conhecer um pouco mais dele também.

O jeito divertido aliado à vontade de sempre se entregar ao máximo para as pessoas, seja explicando a rota para uma cachoeira ou comprando pizza, parecia esconder as suas reais vontades e eu poderia estar pirando, na verdade as chances disso estar acontecendo eram altas, mas a minha intuição estava gritando e eu não podia deixar isso pra trás.

— Carregar um peso assim é complicado — comentei. — Às vezes os sonhos das pessoas que estão ao nosso redor também são os nossos sonhos, mas às vezes não. Sabe quando nossos pais insistem para que a gente faça determinada faculdade, porque ela *dá dinheiro*, mesmo que não nos faça feliz?

— Aham — ele respondeu me encarando.

— Uma hora a gente vai cansar. A profissão não vai nos satisfazer e não importa quanto dinheiro tenha no banco ou quantas coisas incríveis a gente faça por conta dele, nada compensa, sempre ficamos pensando em como seria mais especial se tivéssemos seguido a carreira que a gente queria — refleti. — Tem gente que percebe isso em algumas etapas da vida e tem coragem de mudar. Eu percebi, ainda jovem, mas tenho uma tia que fez essa migração aos cinquenta anos.

Ajeitei meu corpo na cama para ficar de frente para ele.

— Sei que a gente não se conhece há tanto tempo e que eu posso estar despejando algo sobre o que você nem pensa ou quer pensar, mas nunca é tarde para seguir o caminho que a gente acredita, lá dentro, que vai nos fazer feliz.

— Eu penso muito nisso, só que é complicado.

— Sei bem..., mas então vamos assistir a um filminho e depois a gente descomplica isso.

Mesmo tendo dormido horrores depois que voltamos da trilha, não demorei muito para pegar no sono novamente. Poderia colocar a culpa no

filme, não fosse ele uma das minhas comédias românticas favoritas, mas a verdade é que os dedos ágeis massageando meu couro cabeludo era o completo culpado.



Capítulo 6

Acordei pela manhã, sozinha, na imensa cama de Rômulo. O sol brilhava no céu, mas a janela fechada e o ar-condicionado ligado comprovavam que a temperatura diurna era completamente diferente da noturna.

Espreguicei-me ainda deitada, e no mesmo momento a porta se abriu. Primeiro eu senti o incrível aroma de café e gemi internamente, mas logo Rômulo se revelou, carregando uma bandeja.

Não acredito que o filho da mãe me trouxe café na cama.

— Achei que fosse te encontrar ainda dormindo — comentou, assim que apoiou a bandeja em cima da cama.

— Foi por poucos minutos — respondi. — Bom dia!

— Bom dia, boneca. — Encostou sua boca na minha em um rápido selinho. — Trouxe café!

Sorri diante do entusiasmo dele e voltei minha atenção para a bandeja. Além de café, ele também tinha trazido meu amado cuscuz, suco de laranja e outros itens que fui desbravando aos poucos.

— Isso aqui não é um romance escrito por mim, mas poderia facilmente ser — comentei após dar o primeiro gole na xícara de café.

— Se você quiser eu posso me transformar em um dos seus mocinhos.

Sorri concordando.

Partilhamos o café da manhã recheado de piadas e brincadeiras e, por um momento, parei para refletir sobre como isso seria quando eu voltasse para o Rio.

No começo do dia anterior, eu estava certa de que seria um caso passageiro e, mesmo com a gente avançando os sinais rapidamente, tentava manter isso guardado dentro de mim, mas a cada minuto ao seu lado meu cérebro gritava avisos de que a situação seria diferente, de que não estaria nem perto de acabar em seis dias e eu estava em parafuso sobre o resultado disso tudo.

Após terminarmos o café, dei uma desculpa rápida sobre precisar trabalhar um pouco, o que não era uma total mentira, mas eu precisava colocar minha cabeça no lugar, entender o que eu estava sentindo e como eu gostaria de estar me sentindo.

— Acho que tô apaixonada — foi a primeira frase que saiu da minha boca assim que João atendeu ao telefone.

Ligar para ele foi o primeiro passo que eu tomei quando entrei no quarto. O cabelo desgrehado pela noite de sexo, a roupa completamente amassada e o coração gritando por algo que eu não sabia o que era.

— Fernanda, eu te mandei transar com alguém, não se apaixonar — ele respondeu em meio ao forte barulho de fundo que foi se dissuadindo aos poucos, provando que ele estava buscando um lugar calmo para falar comigo.

— Você sabe que eu não sou boa em lidar com regras! — Me joguei na cama, com o telefone no ouvido.

— Mas como você se apaixona em o que, três dias? Isso é fogo no rabo!

— Juro que não é.

— Já deu pra ele?

— Sim?! — respondi, quase que questionando.

— Amor de pica, amiga. Passa rápido.

— João! Estou em um caso grave de o que vou fazer apaixonada por um homem que mora a dois estados de distância do meu?

— É tão sério assim? — Senti a mudança no seu tom de voz quando ele percebeu que a situação era grave.

Eu não era muito dada a paixonites, costumava ficar e não me apegar, então estar admitindo isso em voz alta e de forma séria era aviso mais do que suficiente para que meu amigo se preocupasse.

— Eu não sei — choraminguei.

— Quem é ele? Você sumiu, eu deveria imaginar que algo estava acontecendo, até falei com a Bianca.

— Ele é dono da pousada — comecei a narrar os fatos. Expliquei a atração que senti assim que ele abriu a porta da pousada. Falei sobre como eu sempre acabava em um lugar onde ele estava ou vice-versa; narrei os beijos enquanto víamos filme, a trilha e finalmente a noite anterior. — Só quero estar ao lado dele, ouvir ele falar sobre as coisas que gosta, escutar seu riso...

— Ai, Fer, você está narrando exatamente o que eu senti quando conheci a Bianca — ele respondeu, e eu suspirei. João e Bianca era o casal que eu mais idolatrava na vida e a frase dele só aumentou o meu desespero. Não que eu não quisesse me envolver em um relacionamento, mas o medo de como seria lidar com isso a distância estava me destruindo. — Acho que o destino está lhe pregando uma peça.

— Talvez eu tenha que concordar.

— O que eu posso te sugerir é aproveitar. Se entregue ao que vocês estão sentindo, curta tudo o que acontecer aí e deixe pra lidar com o problema quando ele chegar. Namorar a distância pode não ser tão complicado. E pense em quantos motivos você vai ter para visitar a Bahia.

Concordei e desliguei a chamada, ainda sem saber muito bem o que achar daquilo. No mesmo momento meu celular apitou revelando um e-mail da Jô. Foi a deixa perfeita para tirar a cabeça da situação e focar no livro, então dediquei todo o meu tempo à revisão.

Aproveitei para dar as caras nas minhas redes sociais, coisa que não fazia há quase dois dias, e mantive meus leitores atualizados do meu progresso. Com autorização da editora e de minha agente, fiz uma *live* para meus seguidores contando alguns detalhes do livro novo, o que deixou a galera ainda mais em polvorosa.

Para completar o dia, concluí a primeira revisão do livro e deixei ele em ponto de bala para enviar à Joana, então fiquei me questionando se existia a possibilidade de ter tanta sorte no jogo e no amor.

Apreciei o sol se pondo pela janela do quarto e me peguei sorrindo ao relembrar os divertidos momentos que passei com Rômulo nos últimos dias. Julguei-me internamente por não ter dado atenção para ele hoje, mas logo me recriminei, afinal eu e ele tínhamos vidas em separado.

Decidi então me arrumar e chamá-lo para comer algo. Jogar para o alto todas as dúvidas e viver isso, seja lá o que fosse, com um gostosão que encontrei no meio do caminho.

Nem precisei procurar muito, Rômulo estava na recepção e parecia que me aguardava. A camisa preta delineava os braços fortes, a bermuda jeans fazia o perfeito contorno do bumbum durinho, e eu perdi alguns minutinhos o observando enquanto ele estava concentrado em algo no computador.

— Psiu — chamei, e pisquei o olho quando ele se virou para mim. —

Gatinho, hein?

Ele riu, e as bochechas vermelhas demonstraram sua timidez. Eu me aproximei e envolvi meus braços em seu pescoço, buscando sua boca com a minha. Rômulo retribuiu, me puxando pela cintura para mais perto.

— Você sumiu! — comentou quando me soltou, e balancei a cabeça enquanto os motivos do meu sumiço por algumas horas rodavam a minha mente.

— Fiquei trabalhando — desconversei —, mas recebi algumas notícias legais e queria sair para comemorar.

— Hum... O que aconteceu?

— Concluí o manuscrito!

— Opa, parabéns, boneca! — Ele se aproximou de mim, enrolando os braços na minha cintura e me carregando, até minha boca encostar na sua. — Isso pede uma comemoração especial. Venha comigo!

Rômulo me apresentou um pedaço de Lençóis que eu ainda não conhecia. Uma parte da cidade repleta de ruas pequenas de paralelepípedos, que ostentava diversos restaurantes dos mais variados tipos de culinárias.

Todos tão lotados que eu imaginei que fosse ser impossível encontrar uma mesa para ficarmos. Enquanto andávamos, Rômulo cumprimentava e era cumprimentado por muitas pessoas, a grande maioria donos ou trabalhadores dos estabelecimentos.

— Curte massa? — Concordei sem nem pensar, e ele já foi entrando em uma pequena cantina italiana.

As toalhas xadrez, a decoração em tons de madeira escura e o forno a lenha nos fundos do local deixavam as expectativas mais altas. Quando Rômulo cumprimentou o dono do restaurante, que respondeu com um sotaque italiano, já tive certeza de que teríamos uma noite memorável.

Subimos para a parte de cima do local, que já estava quase cheio, mas, por sorte, uma pequena mesa de dois lugares estava separada das demais, quase como se nos aguardasse.

Sorri para o garçom em agradecimento quando ele afastou a cadeira para que eu me sentasse e, após deixar os cardápios, saiu em disparada para atender outros clientes.

— Espero que você goste, eles têm o melhor molho quatro queijos do mundo inteirinho! — Me empolguei com os dizeres de Rômulo e nem precisei olhar muito para o cardápio antes de escolher como prato principal um nhoque ao molho já citado.

Rômulo solicitou a carta de vinhos e também não passou muito tempo com ela em mãos, chamando o garçom e fazendo o pedido de forma que eu não ouvisse.

— O que você está aprontando? — questionei, e ele sorriu, maroto, desviando do assunto enquanto acariciava minha mão por cima da mesa.

A surpresa não tardou a chegar, um balde de champanhe foi posto ao lado da nossa mesa e Rômulo fez as honras, estourando a rolha e servindo as nossas taças.

— Grandes acontecimentos merecem comemorações excepcionais. — Ergueu a taça em um brinde, e eu fiz o mesmo, bobamente apaixonada pelo gesto tão cuidadoso. — Parabéns, boneca. Um brinde a você e aos acasos que te trouxeram até mim.

— Uma das melhores decisões que tomei na vida — respondi, me referindo a ideia de embarcar em uma viagem para o desconhecido.

— E quando eu vou poder ler esse livro aí? — ele perguntou, após sorver o primeiro gole do líquido borbulhante que fazia cosquinhas no céu da boca.

O interesse que ele demonstrava pelo meu trabalho me deixava um pouco envaidecida. Como autora de romances sensuais, era comum um público majoritariamente feminino, mesmo que algumas das mulheres estivessem sempre indicando as histórias para os seus companheiros a fim de apimentar a relação. Durante toda a carreira de escritora, não tive relacionamentos ao ponto de aproximar os homens do meu trabalho, então fiquei entusiasmada com a possibilidade de Rômulo ler algo que eu havia escrito, ao mesmo tempo em que o medo da reação dele ocupava uma parte da minha cabeça.

— Acho que você vai ter que ir ao lançamento — respondi, faceira.

— Uma boa oportunidade para eu conhecer o Rio.

— Não vai precisar pagar hotel! — *Vai poder dormir em cima de mim.*



Capítulo 7

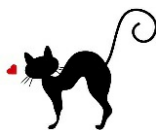
Rômulo

Fernanda falou um pouco sobre sua história, *Na sintonia do amor*. Seus olhos brilhavam enquanto ela narrava a trama que se passava no livro, bem como comentava as reações das leitoras que já tinham tido acesso aos capítulos.

Eu estava hipnotizado.

Não sabia como terminaríamos, mas tudo o que eu desejava era poder encarar aqueles olhos todas as noites. A forma como ela mexia comigo me amedrontava, ao mesmo tempo me dava vontade de me envolver ainda mais.

Quando saímos do restaurante, ambos já sorríamos faceiros para o nada e as duas garrafas de espumantes eram responsáveis por isso.



Voltamos juntos para o meu quarto. Fernanda e eu debatemos sobre o que assistir e acabamos caindo em um clássico, então a tela da tevê exibia uma cena icônica de *Forrest Gump*.

Enquanto ela estava concentrada no filme, como se o assistisse pela primeira vez, eu estava flutuando em nossos últimos diálogos, assim como

passei todo o dia. Fernanda acendeu em mim a esperança de que eu poderia viver mais para mim, descobrir o que eu realmente quero fazer e, com isso, realizar meus sonhos, sem que eu estivesse desrespeitando a memória ou os sonhos dos meus pais.

Eu amava Lençóis, a pousada e a fazenda, mas me sentia preso a tudo isso de uma forma que já não estava me fazendo bem. Na verdade, deixou de fazer bem quando eu abdiquei de coisas que me faziam feliz para viver isso aqui.

Ao mesmo tempo em que eu estudava a possibilidade de me entregar a algo que eu amava, me sentia culpado por ter usurpado isso de uma pessoa que me fazia tão bem. A razão e a emoção debatiam incansavelmente dentro de mim.

Movimentei meu corpo na cama e isso chamou a atenção de Fernanda, que se virou para mim com olhos questionadores:

— Tá tudo bem?

Dei-lhe um beijo enquanto balançava a cabeça e ela voltou a atenção para o filme. Tentei me focar na história que passava na tela, mas não obtive sucesso. Durante todo o dia pensei em milhares de alternativas para lidar melhor com toda a situação. Me desfazer da fazenda e da pousada não era uma opção, além de serem uma excelente fonte de renda, também eram coisas que eu curti fazer, mas, me envolver menos enquanto eu tentava descobrir o que o Rômulo homem queria fazer, parecia uma opção mais viável.

Aconcheguei-me mais nela, puxando-a para o meu colo. A possibilidade de fazer esse relacionamento crescer para algo mais não era das maiores, mas eu também não queria deixar morrer na praia.

Fiquei nessas dúvidas e inseguranças durante tanto tempo que fui resgatado por Fernanda me chamando, enquanto os créditos subiam na tela.

— Acho que você perdeu todo o filme... — E se virou para mim,

acariciando o meu rosto e sorrindo timidamente.

— É, minha cabeça estava longe...

— Longe?

— Não muito, só estava pensando nas nossas conversas.

— Sobre a pousada e essas coisas?

Balancei a cabeça, concordando.

— Quer desabafar o que está passando nessa cabecinha? — Fiquei encarando a Fernanda enquanto pensava no que dizer. Retratar problemas não era a melhor maneira para começar a se envolver com alguém, mas ela me deixava tão à vontade para ser eu mesmo que esse medo quase que desaparecia.

— Tô pensando em como eu deixei passar algumas coisas que me faziam feliz quando assumi tudo isso aqui; sonhos, planos e pessoas.

— E você se arrepende? — Parei por um tempo para pensar sobre isso. Não sei se arrependimento seria a palavra certa para definir o que sinto, talvez seja um pouco forte demais.

— Não me arrependo, só que agora consigo enxergar novas possibilidades. Além disso, se eu tivesse vivido as experiências anteriores não estaria tendo essa com você, que está sendo, sem sombra de dúvidas, a melhor.

— Você pensa no *pós*? — Cerrei os olhos e respirei fundo diante de sua pergunta. Eu tentava jogar para o fundo da mente a todo segundo, mas uma hora ele iria ressurgir e essa hora estava mais perto do que nunca, afinal a reserva dela acabava em seis dias.

— Estou tentando não pensar nisso...

— É, eu também! — Suspirou.

Virei nossos corpos na cama e ataquei a boca de Fernanda com um beijo furioso. Em quatro dias desenvolvemos um relacionamento que alguns casais demoram semanas para construir, talvez até meses. Era difícil admitir, mas eu me sentia naufragando em um mar e Fernanda chegou como um bote salva-vidas.

Voltando minha mente para o momento, presei seu corpo na cama enquanto atacava sua boca, ela correspondia com ímpeto e a forma como agíamos me dizia que a noite não terminaria tão cedo.



Capítulo 8

Acordei no quarto de Rômulo novamente, o sol já despontava alto e ele não estava mais no ambiente. Levantei da cama encarando a janela, enquanto buscava meu celular dentro da bolsa. Assustei-me com o relógio digital marcando quase dez da manhã, ao mesmo tempo em que fiquei feliz por ter dormido tanto, já que a noite havia sido intensa e prazerosa.

Sorri, lembrando das mãos de Rômulo navegando por todo meu corpo, dos seus dedos me levando aos sete céus, e da sua boca carnuda sussurrando pecados no meu ouvido. Friccionei as pernas tentando sair do *modus* louca por sexo, vesti as minhas roupas que estavam jogadas pelo quarto e subi para a minha suíte, a fim de tomar um banho e então descer para o café.

Encontrei Rômulo na recepção quando desci novamente; conversava com um casal de hóspedes, e eu busquei não interromper. Comi calmamente e ele veio me fazer companhia depois de alguns minutos.

Apesar de não estar dedicando cem por cento do meu tempo ao trabalho, a inspiração que surgiu durante a viagem fez com que eu concluísse a trama. No entanto, ainda precisava revisar as alterações pedidas pela editora, e isso levaria uns dois ou três dias. Por isso, abandonei Rômulo e passei os dias seguintes enfurnada no quarto.

As noites ainda eram nossas e seguiam quentes. Rômulo tinha uma forma única de me tocar, que me fazia esquecer de qualquer coisa que não fosse nós dois. Então eu me entregava ao máximo nos momentos em que estávamos juntos.

Parecia, entretanto, que o relógio andava rápido demais e cada hora passada diminuía o nosso tempo juntos e aproximava a despedida. A gente não conversava com frequência sobre como seria depois daqui, além disso eu estava confusa quanto ao que de fato sentia; seria mesmo possível se apaixonar em tão pouco tempo? Mas o medo do vazio que ele deixaria na minha vida fazia com que eu me perdesse quanto ao que estava fazendo, em alguns momentos.

Talvez esse vazio viesse a ser preenchido por tudo o que deixei para trás quando vim para o meu *retiro de escrita*, que estava mais para *retiro sexual*, mas as incertezas faziam minha cabeça pipocar com ideias completamente surreais.

— Bom dia, flor do dia — ele me cumprimentou, sentando-se na cadeira à minha frente e sorrindo.

— Bom dia — respondi baixinho e sorridente.

Sempre escrevi sobre casais que ficavam de risinhos quando estavam próximos, mas nunca vivenciei o conceito disso. Para mim, era no mínimo esquisito estar sempre sorrindo, mas quando eu olhava para Rômulo, sentia como se alguém estivesse elevando os cantinhos da minha boca e fazendo com que minha expressão se tornasse magicamente alegre.

— Muita coisa para fazer hoje?

— Não muita, estou aguardando resposta quanto às alterações do livro, e então estarei livre. — Havia enviado o livro fechado pouco antes de descer para o café da manhã. Agora era só confirmar tudo e partir pro abraço.

— Que tal conhecer a fazenda? Falamos sobre isso quando você chegou, mas nunca concretizamos... — O olhar ansioso me fez sorrir.

— Acho uma boa, depois do café eu troco de roupa e a gente pode ir.

— Ótimo! Vai ser o tempo que preciso para avisar ao Marcelo, e

então serei inteiramente seu...

— Hum, gosto dessa história de ser todo meu... — Movimentei as sobrancelhas e Rômulo gargalhou, percebendo os meus pensamentos indecentes.



Não demoramos muito para chegar até a fazenda. A estrada era majoritariamente de terra e, em alguns pontos eu até cogitei que ficaríamos presos lá, mas Rômulo conhecia o trajeto e conseguia entrar e sair de um buraco com a mesma facilidade com que eu conseguia fazer baliza.

— A gente aluga a maior parte das terras para uma vinícola daqui, então o que mais tem são parreiras, mas a outra parte utilizamos para apicultura — ele comentou, quando embicou o carro na porteira da fazenda.

O portão se abriu eletronicamente, e eu ri internamente da confusão que minha mente vivia por estar em um ambiente tão rústico, mas ainda assim repleto de aparatos tecnológicos. *Como se abrir um portão com controle fosse o ápice da tecnologia.*

— Então você faz mel? — questionei bobamente.

— Sim! — Riu, balançando os cabelos. — O mel que tem no café da manhã vem direto daqui.

— Duas garrafas pra levar, por favor.

Conheci e me encantei pela propriedade. Rômulo me apresentou cada pequeno canto do local. Provei alguns tipos de uvas enquanto desbravávamos as parreiras e até vesti uma roupa de apicultor para me aproximar das abelhas. A propriedade era imensa e impossível de conhecer inteira em apenas um dia, a vegetação se mesclava em diversos pontos e era difícil imaginar que existia uma cidade perto daquilo tudo.

Logo na entrada da fazenda, uma imensa casa fazia a recepção. Era branca, com detalhes em uma madeira escura. A fachada lembrava uma novela de época e eu até me questionei se o lugar não havia servido de cenário. Foi nessa casa que Rômulo cresceu e este ainda era o seu lar, mesmo que passasse a maior parte do tempo na pousada. Foi lá que almoçamos um maravilhoso baião de dois e depois cochilamos aconchegados em uma rede na varanda.

— Vamos dar um mergulho no rio? — Estava de costas para a entrada da casa, admirando a imensidão verde que ia além dos olhos.

— Tem rio aqui? — questionei, me virando para Rômulo, que carregava duas xícaras de café em mãos. Ele me ofereceu uma, e eu não me fiz de rogada, levando-a à boca em seguida.

— Tem sim, fica um pouco mais pra baixo. Tem até cachoeira.

— Não trouxe biquíni — respondi.

— Quem disse que precisa? — Sua expressão mudou automaticamente, o Rômulo sorridente e brincalhão abriu espaço para sua versão ousada. Os olhos ficaram mais escuros e brilhantes, a sobrancelha se ergueu um pouco e sua boca se abriu num sorriso de canto. Ele se aproximou lentamente e, com a mão livre, envolveu minha cintura, encostando meu corpo no seu. O rosto se apoiou no vão do meu pescoço e ele sussurrou em meu ouvido: — O bom da propriedade privada é que você pode nadar nuazinha e só pra mim.

Senti minha pele ficar rubra e eu não sabia se era por timidez ou desejo, provavelmente a segunda opção. Concordei rapidamente, e Rômulo entrou na casa, voltando com duas toalhas nas mãos.

O caminho até a cachoeira não era longo, então fomos a pé mesmo. No caminho ele foi me contando como aprontava na infância e os lugares onde se escondia da mãe para não tomar banho. Gargalhei com vontade, imaginando um pequeno Rômulo tendo tudo isso aqui pra explorar.

— Quebrei o braço caindo daquela mangueira. — Apontou a árvore um pouco mais distante. — O melhor foi voltar pra casa fingindo que nada estava acontecendo, já que mainha tinha me prometido uma surra se eu me machucasse *traquinando*.

— E você ganhou a surra?

— Ganhei foi chocolate. — Riu. — Mainha ficou desesperada quando aconteceu. Mas depois que tirei o gesso ganhei belíssimos puxões de orelha.

— E nunca mais quebrou nenhuma parte do corpo.

— Você que acha! Dois meses depois eu estava com a perna engessada.

Rimos das histórias de infância dele até chegar ao local. A entrada da cachoeira estava tapada por alguns arbustos, então a minha primeira visão dela foi monumental. A queda d'água não era alta, no entanto era bem larga e cheia. O volume de água médio, o que não tornava o banho perigoso, mas ainda assim tinha um pouco de moção.

— Uau! — exclamei, chocada com tudo aquilo.

— Impressionante, não? — Rômulo olhava ao redor, admirado. Nem parecia já conhecer aquilo como a palma da sua mão. — Eu venho aqui desde que me entendo por gente, mas sempre sinto o impacto dessa vista.

— Que louco imaginar que isso aqui é seu.

Ele sorriu e balançou a cabeça. Por alguns segundos, sua visão vagou e seu rosto foi tomado por uma expressão sôfrega, mas ele logo voltou ao presente, sorrindo para mim. Queria poder ler o que se passava na sua mente e, mais do que isso, ajudá-lo, mas entendi que fazer daquele momento algo divertido já seria de grande ajuda.

A gente não pode tirar a dor do outro, mas podemos lhes entregar momentos de felicidade, e era isso o que eu buscava fazer por Rômulo.

— Venha por aqui! — Esticou a mão e puxou a minha. Descemos por uma escada de pedras até a ponta do lago que se formava logo abaixo da cachoeira.

No último degrau, a água fria já molhava nossos pés. E foi aí que Rômulo me pegou nos braços, me colocando sentada em uma pedra alta e seca. Ele me acompanhou e logo estava passando a camiseta pelos braços, largando a peça de qualquer jeito em cima da pedra. Logo foi a vez da bermuda e, por fim, a cueca. Como veio ao mundo, Rômulo sorriu pra mim antes de pular de uma vez na água gelada.

— Tem um buraco aqui, então você pode pular com fé — gritou quando tirou a cabeça da água.

Meio descrente e amedrontada, exercitei a confiança nele para executar o salto. Tirei a roupa lentamente e podia sentir o olhar dele em cima de mim. Quando me abaixei para passar a calcinha pelas minhas pernas, um gemido gutural vinha de Rômulo e eu sorri da insinuação.

— Já tô altamente arrependido de ter pulado — ele comentou lá de baixo, e eu sorri, dando de ombros.

— Quem manda ser apressadinho?! — Ergui a sobrancelha, e ele sorriu. — Tá muito fria?

— Eu tô em ponto de bala pra esquentar você.

Respirei fundo três vezes e, de olhos fechados, me joguei na água. O choque térmico com o meu corpo foi certo, e eu saí do mergulho completamente sem fôlego. Os braços de Rômulo estavam ao meu redor antes que eu me desse conta e, com destreza, ele me levou para a parte mais rasa da pequena lagoa que se formava ali.

Chegamos na única parte com sol, era finzinho de tarde e ele se escondia pelas árvores ao redor. No entanto, naquele momento o calor dele não era necessário, Rômulo infiltrou as mãos pelos meus cabelos e grudou sua boca na minha, a outra mão apertava minha cintura e aproximava o meu corpo do seu.

Enlacei seu pescoço com os meus braços e devolvi o beijo com *avidez* parecida.

— Tem certeza de que não vai aparecer ninguém? — questionei quando soltamos nossas bocas em busca de ar.

— Sim — ele respondeu, voltando a me beijar. — Às vezes uma galera invade e passa o dia aqui, mas a essa hora as chances são baixas — completou quando me ergueu pelos braços, me colocando sentada em cima da pedra.

No segundo seguinte, a boca de Rômulo mordiscava a parte interna da minha coxa e eu parei de pensar em qualquer outra coisa que não fosse o que o seu corpo estava fazendo com o meu. Sua barba por fazer arranhava minha pele, causando um frisson de sensações em mim. O hálito quente em contraste com a pele fria inundava ainda mais o meu centro. Apressado como eu estava, Rômulo arrastou a língua por toda a minha carne, concentrando a atenção no meu clitóris.

— Puta merda! — Uma onda de prazer se apossou do meu corpo, e eu quase não acreditei que o orgasmo chegaria tão rápido. Rômulo seguia sugando, alternando com pequenas mordidas que me enlouqueciam. O instinto me fazia fechar as pernas, e, sorrindo, provocador, ele as segurou bem abertas e afastadas.

— Seu gosto é viciante.



Deitamos abraçados à beira da água fria e deixamos a mente vagar para assuntos aleatórios. Estar com ele era diferente, nunca faltava assunto. E eu me senti muito à vontade para ser eu mesma, nua e descabelada.

Tentei gravar cada pequeno pedaço daquilo, o rosto dele emoldurado por frondosas árvores, seu sorriso discreto e desejoso, suas mãos grandes apertando meu corpo e os batimentos do seu coração em conjunto com o meu. A outra parte do meu coração, no entanto, era preenchida pela imensa dor de saber que eu precisaria abandonar aquilo.



Capítulo 9

Os dias seguintes foram corridos e, quando eu dei por mim, já era minha última noite em Lençóis. Estava sentada em frente à janela do meu quarto após confirmar as últimas alterações do meu livro e enviar o manuscrito finalizado para a minha agente.

Meu corpo demonstrava as tensões dos últimos dias. Eu havia cumprido o meu propósito e finalizado o livro, confesso até que tinha sido um pouco mais fácil do que eu havia imaginado, a maior prova de que às vezes a gente só precisa mudar de ares. No entanto, me descobrir dentro de um relacionamento havia sido uma surpresa que eu não esperava e com a qual, de certa forma, não estava sabendo lidar.

Eu e Rômulo havíamos conversado sobre o assunto nas últimas noites e era perceptível que ambos estávamos confusos. Apesar de ter concluído a escrita desse livro, ainda tinha outros projetos para trabalhar e todo o trabalho relacionado aos eventos de lançamento desse livro. Por isso, manter um relacionamento à distância seria complicado e intenso.

Ao mesmo tempo em que eu queria investir no que estávamos sentindo, e percebia que Rômulo também queria, tinha medo do quanto aquilo me afetaria mentalmente e emocionalmente. Não estava acostumada a relacionamentos que me tiravam de mim, e quando estava com Rômulo eu me sentia eu mesma e fora de mim na mesma proporção.

Pequenos pássaros flutuavam por cima das copas das árvores antes de procurarem um lugar para passarem a noite. Cantavam alto e se cruzavam num céu que escurecia mais a cada minuto. Era um espetáculo, e eu poderia passar horas observando.

A lua nova reluzia, mas ainda assim não era capaz de iluminar toda a negritude do céu. Como em um passe de mágica, a brisa fria da noite substituiu o calor maçante do dia e eu percebi que era hora de tomar um banho. Fechei a tela do computador, que já estava no modo de descanso, e parti para o chuveiro.

Não havia marcado nada com Rômulo, mas tinha certeza de que ele encontraria algo legal para fazermos essa noite. Por mim, pizza e Netflix já seria suficiente, não saber em que pé ficaríamos após amanhã só me fazia querer ficar o mais perto possível dele.

Finalizei meu cabelo para que ficasse cacheado e volumoso, então vesti uma jardineira branca com um pequeno top ciganinha que havia comprado em uma das minhas andanças por Lençóis. Aproveitei para passar um pouco de maquiagem no rosto, apenas nesse momento me dando conta de que não fazia isso desde que havia chegado ali.

Pronta, desci até o quarto de Rômulo. Encontrei Gato pelo caminho e ele me seguiu, trançando pelas minhas pernas.

Não precisei bater duas vezes na porta para que ele me atendesse, vestido em uma camiseta branca justa e bermuda preta, sorriu de forma presunçosa enquanto me puxava para um beijo rápido e denso.

— Já ia te chamar — comentou assim que me soltou, puxando um dos meus cachinhos. — Você tá linda.

— Cheguei primeiro, e você não tá nada mal. Na verdade, está um pedaço de mau caminho — respondi, erguendo as sobrancelhas.

— Pensou quanto tempo nessa piada ruim?

— Não muito, me veio à mente enquanto eu descia as escadas.

Sáímos rindo e de mãos dadas da pousada, a cidade já estava mais calma. O Carnaval havia passado e, pela primeira vez, eu não tinha pulado na

folia, na verdade nem tinha percebido o dia do feriado, e a cidade estava mais tranquila, alguns poucos turistas remanescentes ainda faziam farra na praça principal e ruas adjacentes.

Rômulo não quis me dizer para onde iríamos, só disse que havia feito reserva em um restaurante local. Eu estava ansiosa e curiosa para descobrir aonde iríamos e ele dava risada do meu estado de espírito.

O restaurante ficava em uma rua pequena, porém muito movimentada. Mesas e cadeiras na rua comportavam as pessoas que não cabiam dentro dos pequenos restaurantes. Apesar de todos estarem lotados, um parecia chamar mais atenção, já que havia uma pequena fila de espera na porta. Uma mesa, no entanto, estava vazia e foi para ela que Rômulo me direcionou.

Ele puxou a cadeira para que me sentasse e piscou para o meu sorriso torto. Uma vela em cima da mesa trepidava com o vento que soprava em meio a tantas pessoas. Após Rômulo se acomodar, não demorou muito para um garçom surgir e nos entregar o cardápio.

— Eles trabalham com cozinha mediterrânea, uma das minhas culinárias favoritas — Rômulo confidenciou após o garçom sair. — Estão sempre lotados.

— É muito aconchegante.

Observei a parte interna do restaurante através das portas abertas, mas agradei por termos ficado do lado de fora, apreciando o vai e vem das pessoas, ouvindo as milhares de músicas ao vivo que se misturavam, e sentindo a brisa abraçar nosso corpo.

Rômulo foi carinhoso durante todo o jantar. Suas mãos me tocavam o tempo todo enquanto seus olhos me encaravam transbordando um sentimento que eu não sabia definir qual era, mas que sentia transbordar de mim também. Quando os toques de suas palmas não eram mais suficientes, ele aproximou sua cadeira da minha, encostando seu corpo no meu, enquanto sussurrávamos ideias de relacionamento para as pessoas ao nosso redor.

Estar com Rômulo era simples. A gente ria de piadas idiotas e entrava nas brincadeiras um do outro como se fizéssemos isso há anos. Vivíamos as descobertas do começo de um relacionamento, como se a nossa cumplicidade viesse de anos juntos.

Após o almoço, saímos pela cidade de mãos dadas, e eu aproveitei o momento para fazer alguns registros fotográficos com o meu celular. Foi engraçado perceber que, durante esse tempo, eu tinha tirado poucas fotos com Rômulo, então fiz o possível para levar memórias físicas dessa viagem que havia me entregue tantas memórias afetivas.

Estávamos andando em círculos e, mesmo sem falar, sabíamos que não queríamos voltar para casa, pois seria o fechamento de um ciclo. Ainda tínhamos essa noite e a manhã seguinte, mas a leveza de momentos como esse seria apagada com o momento da despedida.

Rômulo encontrou alguns amigos, com quem conversamos por alguns minutos parados na praça, depois um forró tocando em um dos bares ao redor nos chamou, e a gente dançou algumas músicas, agarradinhos, mas de repente não tínhamos mais o que fazer, e voltar para casa era a única opção.

O ponteiro do relógio passava de onze da noite quando pisamos na recepção da pousada. Gato estava confortavelmente sentado em uma das mesas, lambendo a pata esquerda. Ergueu a cabeça quando nos ouviu entrar, mas logo voltou à sua função, demonstrando o quanto nos achava insignificantes.

Segui pelo corredor para o quarto de Rômulo, enquanto ele partia para a cozinha com o intuito de pegar algo para bebermos.

Quando entrei no quarto, fui em direção à janela, a lua nova era o único ponto de luz visível desde ali, já que a janela dele ficava completamente voltada para a mata. Como um imã, meus olhos foram capturados para um amontoado de folhas em cima da escrivaninha do quarto.

Virei-me para a porta esperando encontrar Rômulo, mas nem sinal dele. De rabo de olho, fiquei observando os papéis e, enquanto meu lado

racional dizia que era errado fuxicar nas coisas alheias, minha curiosidade gritava querendo ver o que tinha ali. Além de papéis, a mesa tinha alguns cadernos e diversos tipos de lápis.

Deixei minha racionalidade para escanteio e peguei os papéis. Eram rascunhos de desenhos, a grande maioria paisagens abstratas, todos feitos com um traço muito forte e preciso. Faziam me lembrar alguns que eu vi nos corredores da pousada, inclusive um grande que enfeitava a cabeceira da minha cama, mas assim como todos os que vi, estava sem assinatura.

Enquanto avaliava os rascunhos, a porta foi aberta e Rômulo apareceu. Colocou as garrafas de cerveja em cima do frigobar enquanto me olhava, com as sobrancelhas erguidas.

— Fazendo? — questionou, e eu ergui as folhas em mãos.

— Estavam aqui em cima da mesa, fiquei admirando.

— Hum...

— São do mesmo artista que fez os quadros que estão espalhados por aqui? — questionei, e ele respirou fundo antes de balançar a cabeça assentindo.

— São ótimos, mas não têm assinatura.

— É mais um hobby — ele respondeu, abrindo uma das garrafas de cerveja e me entregando.

Aceitei a bebida e tomei um gole, só então percebendo o quanto estava com sede, então um segundo gole veio na sequência. Rômulo se aproveitou da minha distração e me puxou para um beijo, que eu retribuí de bom grado, soltando os desenhos em cima da mesa de qualquer maneira.

Sua língua percorria minha boca de maneira sedenta e seu corpo estava tão grudado ao meu que podíamos nos fundir em poucos segundos. Sorri para ele quando nos soltamos, e ele retribuiu, se aproximando e me dando um beijo.

— Costumo desenhar nas horas vagas, é uma das minhas formas favoritas de expressão.

— Então os desenhos são seus? — questionei, chocada, e só então compreendendo os outros itens relacionados a desenho em cima da mesa.

Quase bati na minha própria testa por tamanha lerdeza, mas aproveitei o momento para analisar melhor os rascunhos.

Em poucos segundos consegui observar alguns detalhes que me eram familiares. A trilha que fizemos, as cachoeiras que visitamos. O último desenho, em especial, me trouxe uma familiaridade abrasadora quando percebi que, na verdade, era de nós dois fazendo amor à beira da cachoeira de sua fazenda.

Ruborizada, encarei Rômulo que me olhava, ansioso.

— Nunca mostrei para ninguém — ele comentou, mordendo o lábio —, nem as pessoas aqui da pousada sabem que os desenhos da parede são de minha autoria.

— Mas por quê? São lindos!

— São muito de mim, Fer. É como se eu estivesse expondo minha alma para as pessoas. Não gosto da ideia de elas pensarem que têm fácil acesso a isso.

— Meus livros também são a minha alma — respondi. — Por mais que eu crie histórias fictícias para personagens que não existem, ainda têm muito de mim em cada coisa que escrevo. São traços de quem eu sou. Cada livro que entrego para as pessoas, sinto que me desnudo um pouco, e isso é assustador pra caramba.

— Imagino.

— Você disse que não sabia qual caminho trilhar, não fosse a fazenda

e a pousada, mas olha isso aqui — ergui os papéis em minha mão enquanto o encarava —, isso é mais do que um hobby, é um dom. Poucas pessoas conseguem se entregar de maneira tão genuína.

— Eu sei — coçou o cabelo enquanto jogava a cabeça para trás —, mas é difícil para mim pensar em fazer disso algo mais comercial, sei lá, eu nem sei como seguir esse caminho ou que caminho seguir.

— Você não precisa expor seus desenhos em uma galeria logo de cara, existem passos para seguir — comentei, sentando-me na sua cama. — Eu segui esses passos na minha carreira de escrita antes de fazer a minha publicação online e muitos anos antes de fazer a minha publicação física. Pense que esses passos vão te preparar para seja lá o caminho que você escolha. E, na verdade, você nem precisa escolher caminho nenhum, só precisa saber que existe uma alternativa.

— Às vezes eu sinto que não mereço buscar outros caminhos ou outras alternativas... — Rômulo se sentou ao meu lado. — No ensino médio, eu conheci a Nádia, ela era uma garota perfeita, cheia de planos e sonhos e eu sonhei junto com ela. Namoramos durante todo o colegial e depois fomos juntos para a faculdade. O plano era seguirmos para Salvador após a faculdade e construirmos a vida lá. Mas quando minha mãe ficou doente, eu precisei voltar às pressas. Estávamos no último semestre da faculdade, então ela ficou para concluir o curso e depois veio pra cá.

Eu me acomodei, sentando-me de frente para Rômulo enquanto ele continuava sua narrativa:

— Nádia me ajudou demais nos últimos meses de minha mãe e a gente seguia o plano de ir para Salvador tão logo fosse possível... — Ele suspirou, bagunçando os cabelos com os dedos. — Quando minha mãe morreu, a situação ficou mais difícil, mas ela seguiu me apoiando, foi aí que eu percebi que talvez fosse impossível sair daqui. Nádia recebeu uma proposta de emprego maravilhosa, mais do que ela esperava, a vaga era em São Paulo e ia muito além do que imaginávamos, mas ela recusou e ficou aqui. Por mais um ano, Nádia quis me convencer a ir, a deixar os negócios aos cuidados de Marcelo e seguir o plano que traçamos desde a adolescência,

mas eu recusei e ela foi sozinha. É meio difícil pensar que eu possa ter uma chance de seguir o que sempre quis, quando impedi a Nádia de seguir o que ela queria.

Fiquei muda por alguns segundos enquanto encarava Rômulo. Eu realmente entendia toda a sua situação com os pais e o fato de que ele ficava em Lençóis para realizar os sonhos de seus pais, mas saber que ele se sentia culpado pela não realização dos sonhos de um amor perdido era assustador e, lá no fundo, me causava um pouco de ciúmes.

Suspirei, tentando processar a informação.

— Não consigo te dar uma opinião concisa quanto a isso e, na verdade, nem sei se cabe. Você precisa pensar que a Nádia fez uma escolha quando decidiu não ir para São Paulo, assim como você fez uma quando decidiu cultivar os sonhos de seus pais, mas já passou um tempo, Rômulo, não dá pra viver remoendo isso.

— Você não acha que é injusto sair daqui agora depois do que fiz com ela?

— Injusto é você viver assim pra sempre, pensando estar pagando uma dívida que talvez ela nem cobre de você. — Envolvi sua mão com as minhas. — Você já falou com ela depois disso?

— Não. Eu excluí minhas redes sociais e me mantive afastado.

— Procure por ela, mande uma mensagem. O término não foi bacana, né? Talvez seja uma conversa final que esteja faltando para acalmar seu coração e até o dela também. — Rômulo me encarou, concordando, e aparentemente pensando pela primeira vez no assunto. — Você ainda sente algo por ela?

Mordi o polegar depois de soltar a pergunta. Meu coração batia freneticamente no peito e o medo de ter lido Rômulo errado durante esse período fazia minha mente entrar em parafuso.

— Não, claro que não — ele respondeu rapidamente. — Eu gosto de você, Fernanda. Tudo o que vivemos aqui foi real e eu vou me esforçar ao máximo para que a gente consiga vencer a barreira da distância e viver isso por mais tempo.

Eu me aconcheguei em seus braços, e ficamos assim por alguns minutos. Assumir que tentaríamos um relacionamento a distância, acalmou meu coração. Com as vidas corridas que temos, conciliar não seria a coisa mais fácil do mundo, mas eu acreditava no poder do que estávamos sentindo e sabia que de alguma forma daria certo.

A noite foi intensa e saudosa, Rômulo demonstrava devoção em cada toque, e eu tentava retribuir no mesmo embalo. Seus braços e pernas estavam em todo lugar, o tempo todo. No seu caso, eu me sentia abrigada e foi essa a mesma sensação que tive quando acordei com ele deitado em cima da minha barriga e seus braços circundando meu corpo.

Acaricieei seu cabelo suavemente, enquanto respirava a brisa que entrava pela janela que havíamos esquecido de fechar. O sol nascia ao longe, e os pássaros voavam pelo céu, prontos para sobreviverem por mais um dia.

Rômulo foi abrindo os olhos aos poucos e, quando se deu conta da minha presença, sorriu abertamente. Roçou a barba na minha barriga, me fazendo gargalhar, e logo depositou pequenos beijos no lugar. Elevou seu corpo até se encaixar no meu e enfiou o rosto na curva do meu pescoço, suspirando ali, enquanto eu beijava suavemente seu ombro.

Tomamos café da manhã no quarto e passamos a manhã conversando sobre tudo ao mesmo tempo em que não falávamos de nada em específico. Em dado momento, precisei subir para a minha suíte e organizar a minha mala. Rômulo me acompanhou e ficou sentado na cama, enquanto eu catava as coisas ao redor do quarto e enfiava na pequena mala de mão.

A despedida não foi fácil, mas também não se pareceu com um drama mexicano. Estávamos cientes de que nos veríamos em breve, e ambos tentávamos nos agarrar a isso como uma boia de salvação.

— Promete ir me informando os passos da viagem? — perguntou, quando apoiou minha mala na recepção da pousada.

Acenei com a cabeça, concordando.

— E assim que chegar no Rio te ligo.

— Vou te visitar assim que possível.

— Mal posso esperar por isso — respondi, grudando minha boca na sua. Rômulo apertou minha cintura, se entregando completamente ao beijo que só foi interrompido quando a van que faria o meu translado buzinou na porta da pousada.

Rômulo até quis me levar ao aeroporto, mas a van já estava inclusa no pacote e com certeza nos despedir no aeroporto traria muito mais comoção do que fazê-lo no lugar onde tivemos tantos momentos incríveis.

Despedi-me de Gato, que estava deitado no balcão tranquilamente, e logo segui Rômulo, que já havia levado minha mala para a van. O motorista era o mesmo que havia me trazido e me cumprimentou quando coloquei os pés na calçada.

Tomei a boca de Rômulo em mais um beijo e conectei a parte do meu cérebro que me faria memorizar aquele momento por muito tempo. Após o beijo, encarei seus olhos por longos segundos antes de lhe dar um selinho e descer as escadas direto para a van. Rômulo me seguiu e, sorrindo, mesmo que o sorriso não chegasse aos olhos, bateu a porta da van, ficando parado do lado de fora me encarando.

Era a hora de voltar para a realidade, a missão destinada quando cheguei estava cumprida, mas eu voltava com uma atribuição ainda maior e que estava me empolgando ainda mais.



Cinco meses haviam se passado desde que eu voltei de Lençóis. Trabalhei incansavelmente, finalizando um livro que foi publicado na *Oregon* há dois meses e organizando o evento de lançamento para *Na sintonia do amor*.

A pré-venda havia sido um sucesso tão grande que conseguimos organizar eventos de lançamento em diversas cidades do Brasil, e hoje seria o primeiro aqui no Rio. Acordei com uma mensagem de Rômulo me desejando sorte, seguida de um buquê de flores silvestres que foi entregue em minha casa.

O namoro a distância não estava sendo fácil, mesmo que a gente conversasse muito e, vez ou outra, ele fizesse surpresas chegarem a minha casa quando eu não estava esperando, eu sentia muita falta da presença dele. A camiseta que eu havia roubado no último dia em Lençóis já não tinha mais seu cheiro, e eu estava me programando para que o evento de lançamento em Salvador me desse tempo para ir até Lençóis e passar pelo menos alguns dias por lá. Ainda não havia contado os planos para Rômulo, mas esperava surpreendê-lo.

— Fer, tá pronta? O carro chegou — João gritou da sala, e eu me apressei em sair. Peguei as *ecobags* em cima do sofá onde havia colocado minhas canetas favoritas para autografar, além de alguns mimos para as pessoas presentes no evento.

— E se ninguém for? — questionei minha insegurança para o meu melhor amigo, que segurava a porta do meu *loft* aberta.

— Amiga, não tem mais senha disponível — ele respondeu, e logo elevou o celular, mostrando a fila de leitoras que tomava conta da livraria.

— Puta que pariu, esse povo vai odiar meu livro.

— Larga de insegurança que você é perfeita, seu livro é perfeito, esse casal é sexy para caralho e eu já vejo a *Universal Pictures* comprando os direitos para transformar em filme.

— Que suas palavras se tornem realidade.

O trajeto até a livraria foi curto e, foi só quando cheguei lá e vi aquele amontoado de gente, que percebi o impacto que a minha escrita tinha na vida das pessoas. *Caramba!*

Após passar por toda a fila, cumprimentando animadamente a galera, segui em direção à sala, onde minha família já estava. O local era um auditório e, aos poucos, os leitores foram ocupando espaço. Alguns ficaram em pé ao fundo, outros sentaram no chão e ainda tiveram os que tentavam assistir através das portas abertas.

Meus olhos encheram de lágrimas enquanto eu encarava a minha família, todos sentados na primeira poltrona e sorrindo abertamente para mim.

O evento começou quando uma blogueira literária que acompanhava minha trajetória desde as escritas de fanfic me apresentou. Gargalhei da forma como ela narrava a minha história, e sobre como todas elas ficavam curiosas e ansiosas quando eu postava um capítulo por semana em plataformas digitais. Após isso, contou um pouco da história do livro que estava sendo lançado e eu fiquei chocada por algumas leitoras já terem concluído a leitura, sendo que a história havia sido disponibilizada em e-book à meia-noite desse mesmo dia.

Respondi algumas perguntas da galera, cada vez me sentindo mais acolhida na profissão que resolvi traçar. Responder os leitores virtualmente era incrível, encontrá-los em feiras de livros era sensacional, mas ter tanta

gente aqui para acompanhar o meu lançamento me dava uma sensação de dever cumprido que não conseguia administrar.

Comecei a autografar e conversar com os leitores na sequência, foi muito divertido ouvir cada uma das histórias deles comigo, descobrir seus personagens e histórias favoritas, bem como quais antagonistas eram mais odiados. Eu escrevia livros para divertir as pessoas, distraí-las, mas também fazê-las refletir sobre quem elas são e quais rumos estão tomando em suas vidas, saber que através das minhas histórias muitas tomaram atitudes que as fizeram mais felizes era um bálsamo para os meus ouvidos.

Estava dando uma fuxicada no meu celular enquanto esperava o novo grupo de leitores chegarem até o palco para que eu pudesse atender, foi quando um desenho apareceu em cima da minha mesa. Meu rosto estava ilustrado em meio ao sono, os cabelos revoltos em cima de travesseiros, enquanto um sorriso genuíno brilhava em meu rosto. Feito a lápis, o traço era inconfundível e eu respirei fundo antes de erguer os olhos.

Rômulo me encarava com um sorriso brilhante e apaixonado. A sala ainda estava lotada, mais de duzentas pessoas aguardavam a sua vez, mas eu nem me importei, levantei da mesa bruscamente e pulei em seu colo, lhe entregando um beijo cinematográfico que atraiu palmas, risos e assobios. Rômulo me apoiou pelas pernas enquanto retribuía ao beijo que durou segundos ou minutos, não faço ideias, mas foi o mais apaixonado que já tivemos.

— O que você está fazendo aqui? Você é louco! — sussurrei, após descer do seu colo.

— Você realmente achou que eu não iria prestigiar esse momento único?

Balancei a cabeça, sorrindo, e encostei minha cabeça na sua. Minha vontade era puxá-lo pela mão e levá-lo para casa, de onde só sairíamos em duas semanas, mas eu tinha que dar atenção ao meu público.

— Então, pessoal, preciso confessar que vivi uma história de livro —

comentei com a plateia que começou a rir e aplaudir. Contei por cima um pouco da minha história com Rômulo e muitos já pediram livro. Eu sorri, pensando em como seria uma história bonita e clichê, porém real e única.

Rômulo colocou seu exemplar do livro em cima da mesa para que eu pudesse autografar, o que fiz sorrindo.

— Acho que a minha dedicatória deve ser diferente — ele comentou, e eu ergui a sobrancelha tentando entender o que ele queria dizer. — Precisa ser marcante, algo como a resposta para um pedido.

— Co-como assim? — perguntei gaguejando. Durante os cinco meses que ficamos separados, conversávamos por mensagens de textos e chamadas de vídeo quase que diariamente. Fazíamos parte da vida um do outro mesmo com a imensa distância, mas ainda não havíamos colocado em palavras exatamente o que tínhamos.

— Fernanda Castro, você aceita namorar um cara que mora a quilômetros de distância de você, mas que está disposto a pegar um avião toda semana, se como recompensa tiver seus lindos olhos o encarando pela manhã?

Fiquei paralisada por dois segundos, a boca seca e o coração retumbando, sem saber como agir, mas logo voltei à realidade e rabisquei o sim mais preciso da minha vida nas páginas do livro que Rômulo havia me entregue.

Ele me puxou para um beijo ainda mais apaixonado, e eu fiquei flutuando na bolha de amor que se apossou de mim naquele instante.





Romances sempre foram a minha válvula de escape. Quando leio um livro fofo e clichê, sei que por alguns momentos vou flutuar na vida de um casal que vai passar por muitas fases difíceis antes de chegar na boa, e sei que essa fase boa vai chegar. Quando escrevi a história da Fernanda, desejei que todos os que lessem pudessem vivenciar essa sensação.

Começo agradecendo a todas as autoras de romance que eu já li e que afetaram a minha vida de forma positiva. Cada personagem criada por vocês me entrega um pouquinho dela e leva um pouquinho de mim. Me envolvem, divertem e emocionam. São parte ativa da minha vida e eu sou muito grata por isso.

Agradeço às minhas incríveis leitoras, àquelas que leem as minhas publicações, mas também as que me acompanham nas redes sociais, onde falo sobre livros, e suspiram comigo a cada nova história que eu comento. Envolver vocês no mundo do romance é sempre mágico.

Alba, obrigada pelas dicas maravilhosas, por sempre levar as minhas histórias pelos melhores caminhos e se entregar aos personagens como se entrega pela vida. Meu muito obrigada a todas as mulheres da Increasy, que me acolheu há mais de dois anos e segue sendo a melhor agência do mundo!

Nathália e Mari Sales, os comentários de vocês ao longo da escrita dessa história me deu o gás que eu precisava, vocês fazem parte desse processo.

Ao meu incrível namorado, que vive para me mandar escrever e sempre se diverte com as minhas expressões malucas, mesmo não

entendendo nada do que estou falando. E à minha mãe, que colocou os livros na minha vida há muitos anos e vibra a cada conquista minha. Amo vocês!

E a você, querido leitor, que chegou até aqui, eu espero que tenha se apaixonado e suspirado com a história desse casal.

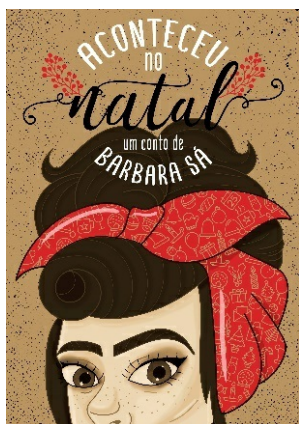
Obrigada, obrigada e obrigada.



Barbara Sá é baiana, nasceu em 1995 e é blogueira há sete anos, durante esse período se formou em letras pela Unifacs. Enfurnada no mundo dos livros desde criança, recentemente descobriu que também poderia criar suas próprias histórias. Criadora do Segredos Entre Amigas, é apaixonada por romance, filme de época e chá de limão.



ACONTECEU NO NATAL

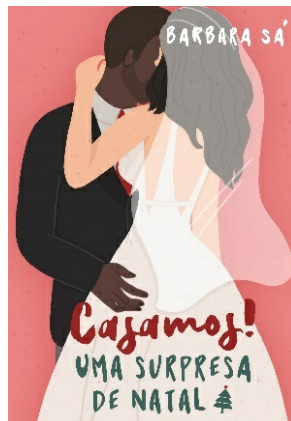


SINOPSE

Fazer um pedido, jogar uma moedinha na fonte e acreditar que ele vai se realizar é a maior balela para Melinda. A jovem não acredita em destino, mesmo que essa palavra venha ultimamente surgindo muito na sua vida. Vinda de seu irmão, de um senhor na rua e até de Augusto, seu paquera. E é com ele que Melinda viverá um romance mágico às vésperas do Natal, descobrindo que talvez isso tenha sido um empurrãozinho do destino.

LINK: <https://amzn.to/3bnzome>

CASAMOS! UMA SURPRESA DE NATAL



SINOPSE

O primeiro Natal em família na casa de Juliana e Guilherme estava saindo do controle antes mesmo de começar. Além de não conseguirem dar jeito no peru, ainda tinham que lidar com o casamento surpresa que decidiram realizar.

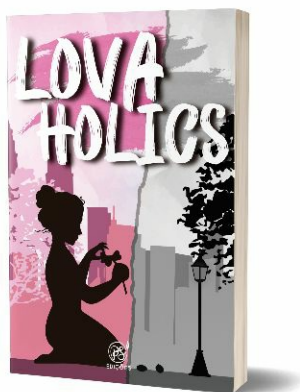
Na tentativa de organizar tudo, erram mais do que acertam, mas provam que o Natal em família é muito mais do que uma data festiva: é motivo para união.

Três eventos: Casamento, Natal e... Peru. Nada poderia dar errado. Pelo menos era isso que pensavam...

Livro recomendados para adultos. +18

LINK: <https://amzn.to/34O9sNO>

LOVAHOLICS



SINOPSE

Embarque numa viagem no tempo, de 1950 a 2019, com sete protagonistas que acreditam no amor e estão dispostas a enfrentar os impasses de sua época, dia a dia e vida pessoal para conquistá-lo; com muita determinação e um pouco de boa sorte, quem sabe até encontrar seu final feliz.

1950

A trapezista de brilhantina – Valen Lee

A cidade de Diamantes atribuiu a palavra “tragédia” à definição do circo. Vera Lúcia nunca viu um de perto, mas isso nunca impediu que desejasse voar em um trapézio. Agora que pode acontecer, ela irá até contra a família para não perder a chance.

1960

Encontro ao nascer do sol – Bruna Catarina

Após se casar e ser uma esposa obediente e respeitosa, como a mãe lhe ensinou, Francisca conhece a filha do vizinho, que acaba de voltar da cidade grande. E de repente conversar com ela é muito melhor do que estar na companhia do marido.

1970

Julgando amor – Barbara Sá

Estagiar naquele escritório de advocacia já vai contra seus princípios, e Isabel ainda tem que se esconder do presidente. É culpa de Antônio que seus pais estejam em “viagem” para fora do país. E é melhor que nem descubra que namora o filho dele.

1980

O sol sempre nasce por volta das seis – Jéssica Anitelli

Poderia ser uma noite como todas as outras para aqueles que enfrentam a ditadura, mas a sede de um jornal da resistência foi descoberta. Amora conseguiu fugir, e agora Dandara precisa encontrá-la antes que seja capturada por um torturador.

1990

Rivals? – Laura Cosette

A melhor aluna e o garoto mais famoso da classe estão concorrendo ao comando do grêmio estudantil, mas algo aconteceu no porão da escola para mudar o foco da disputa. Agora eles estão mais preocupados com uma aposta do que com as eleições.

2000

Amor nas alturas – Jariane Ribeiro

O sonho de Vivi é ter os novos sapatos de salto da All Star, mas nem mesmo com sua altura natural ela tem coragem de ficar de pé na frente de Enrico, o adorável advogado corporativo sem alma que sempre vem cortar o cabelo no salão de sua avó.

2010

Trabalhada no amor – Cínthia Zagatto

Lana precisa aceitar que a loja de cupcakes não é sua. Enfiada no trabalho

exaustivo, que vem roubando todo o seu foco, ela esquece mais um encontro com Davi. Em meio a uma tempestade que parou São Paulo, é melhor correr se quiser chegar a tempo.

LINK: <https://amzn.to/2XNLG31>